

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

ERICIANE MARILISA DE RAMOS

**ASPECTOS PRAGMÁTICO-COGNITIVOS DA INTERPRETAÇÃO
HUMORÍSTICA**

PONTA GROSSA

2019

ERICIANE MARILISA DE RAMOS

**ASPECTOS PRAGMÁTICO-COGNITIVOS DA INTERPRETAÇÃO
HUMORÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito de avaliação parcial para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem. Orientador: Prof. Dr. Sebastião Lourenço dos Santos. Linha de pesquisa: Pluralidade, Identidade e Ensino

PONTA GROSSA

2019

R175 Ramos, Eriçiane Marilisa de
Aspectos pragmático-cognitivos da interpretação humorística /
Eriçiane Marilisa de Ramos. Ponta Grossa, 2019.
113 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de
concentração – Pluralidade Lingüística, Identidade e Ensino),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Lourenço dos Santos.

1. Humor. 2. Cognição. 3. Interpretação. 4. Relevância. 5.
Riso I. Santos, Sebastião Lourenço dos.. II. Universidade Esta-
dual de Ponta Grossa- Mestrado em Estudos da Língua. III.
T.

CDD : 808

ERICIANE MARILISA DE RAMOS

**ASPECTOS PRAGMÁTICO-COGNITIVOS DA INTERPRETAÇÃO
HUMORÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito de avaliação parcial para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem. Linha de pesquisa: Pluralidade, Identidade e Ensino.

Ponta Grossa, 26 de abril de 2019

Prof. Dr. Sebastião Lourenço dos Santos - Orientador
Doutor em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profa. Dra Elena Godoy
Doutora em Linguística
Universidade Federal do Paraná

Profa. Dra. Letícia Fraga
Doutora em Linguística
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Agradecimentos

Ao professor Sebastião que acreditou em meu trabalho e contribuiu significativamente com minha pesquisa, norteando-a, enriquecendo-a desde seu início e auxiliando em todo o possível.

Aos professores do Mestrado em Estudos da Linguagem, por contribuírem para o meu crescimento enquanto professora pesquisadora.

À minha mãe que luta por mim e por meu irmão desde o primeiro dia de nossas vidas, que esteve comigo em cada sorriso e em cada dor, me dando forças para seguir em frente, compartilhando as felicidades do dia a dia, que são as mais significativas.

À tia Sandra, pela presença, pela ajuda, pelo carinho.

A toda minha família, por ser meu alicerce.

Ao meu namorado pelos cuidados e pela forma única de se comunicar comigo, que me enche de alegria.

Loucos são apenas os significados não compartilhados. A loucura não é
loucura quando compartilhada. (Zygmunt Bauman)

Resumo

Nesta pesquisa objetivamos abordar a complexidade interpretativa do raciocínio humano no contato com tiras e memes de humor veiculados aos meios de comunicação da internet, tal como as redes sociais, blogs e sites de entretenimento. Utilizamos como principal base teórica questões referentes à pragmática cognitiva, encontradas nos estudos de Sperber e Wilson (2001) sobre a Teoria da Relevância, bem como seu aprimoramento, proposto por Santos (2017). Nosso estudo faz a adaptação de uma teoria da comunicação à análise do raciocínio interpretativo de tiras e memes de humor, a fim de elencar alguns pontos-chave do processo inferencial que rege a interpretação e os alcances da cognição. Ressaltamos no estudo a importância das inferências que resultam em reações positivas e negativas acerca desse processo. Nesse sentido, chegamos à descrição de um caminho percorrido pela inferência do leitor em contato com determinado texto cômico, fazendo o levantamento de alguns dos procedimentos mentais que o leitor/ouvinte aciona durante a interpretação, convalidando sua reação a partir da sua opinião ou comentário, quando emitido. Elencamos ainda as principais teorias do humor e seus teóricos como Raskin (1985), Attardo e Raskin (1991) e Bergson (2004), autores que se dedicam a uma análise mais estrutural do humor/riso. Tais teorias servem como ponto de partida para validar a necessidade da descrição de uma discussão do impacto cognitivo do humor, levando em conta que é a interpretação do leitor/ouvinte determina resultado positiva ou negativa do conteúdo, bem como o grau de comicidade. Com as análises descritivas, identificamos, na presente pesquisa, o que fundamenta a inclinação psico-cognitiva positiva ou negativa diante das tirinhas e memes. O resultado da interpretação e os principais estágios de raciocínio, nos permitem traçar um panorama geral da interpretação cômica, revelando a complexidade e importância do humor devido a quantidade de elementos necessários para o sucesso ou fracasso cômico e interpretativo, revelando um grande potencial para o desenvolvimento do raciocínio.

Palavras-chave: humor – cognição – interpretação – relevância – riso.

Resumen

En esta investigación tenemos la intención de estudiar la complejidad interpretativa del raciocinio humano en el contacto con tiras y memes de humor vehiculados a los medios de comunicación de Internet, como en las redes sociales, blogs y sitios de entretenimiento. Se utilizó como principal basis teórico cuestiones referentes a la pragmática cognitiva, encontradas en los estudios de Sperber y Wilson (2001) sobre la Teoría de la Relevancia, así como su perfeccionamiento, propuesto por Santos (2017). Nuestro estudio hace la adaptación de una teoría de la comunicación al análisis del raciocinio interpretativo de tiras y memes de humor, para enumerar algunos puntos clave del proceso inferencial que rige la interpretación y de la cognición. Resaltamos en el estudio la importancia de las inferencias que resultan en reacciones positivas y negativas acerca de ese proceso. En este sentido, llegar a la descripción de un camino recorrido por la inferencia del lector en contacto con determinado texto cómico, haciendo el levantamiento de algunos de los procedimientos mentales que el lector / oyente acciona durante la interpretación, firmando su reacción a partir de su opinión o comentario, cuando expuesto. Traemos aún las principales teorías do humor y sus estudiosos como Raskin (1985), Attardo e Raskin (1991) e Bergson (2004), que se dedican a una analisis más estrutural del humor/riso. Estas teorías sirven como punto de partida para validar la necesidad de la descripción de una discusión del impacto cognitivo del humor, teniendo en cuenta que es la interpretación del lector / oyente determina resultado positivo o negativo del contenido, así como el grado de comicidad. Con los análisis descriptivos, identificamos, en la presente investigación, lo que basea la inclinación psico-cognitiva positiva o negativa ante las tiritas y los memes. El resultado final de la interpretación y las principales etapas de raciocinio, nos permiten trazar un panorama general de la interpretación cómica, revelando la complejidad e importancia del humor debido a la cantidad de elementos necesarios para el éxito o fracaso cómico e interpretativo, revelando un gran potencial para el desarrollo del razonamiento.

Palabras-clave: humor – cognición – interpretación – relevancia – risa

Lista de Figuras

Figura 1: Tudo tem um começo.....	33
Figura 2: Sinal Divino.....	36
Figura 3: Ocho personas que no tengan problemas.....	36
Figura 4: Lavagem de dinheiro.....	39
Figura 5 – Os dois planos de referência da bissociação.....	42
Figura 6: Plano de raciocínio.....	43
Figura 7: Expectativa x realidade.....	45
Figura 8: Rede Social.....	46
Figura 9: Modelo da comunicação segundo Jakobson/Shannon e Weaver.....	56
Figura 10: Choque de Religiões.....	64
Figura 11: Relevância Informativa e Relevância Afetiva.....	83
Figura 12: Esquema do Ambiente Cognitivo na interpretação do humor.....	87
Figura 13: Senhor? Senhor?.....	90
Figura 14: Personalidades que não valorizamos.....	92
Figura 15: Cães de pequeno porte.....	96
Figura 16: Comentários.....	98
Figura 17: Se dar bem no novo governo.....	101
Figura 18: Comentários.....	103
Figura 19: Meme sobre o Veganismo.....	104
Figura 20: Comentários.....	105

Lista de Quadros

Quadro 1: Famílias de Teorias do Humor.....	41
Quadro 2: Inconsciente cognitivo.....	84

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. JUSTIFICATIVA	13
3. METODOLOGIA	15
4. UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O GÊNERO TEXTUAL	18
4.1 O GÊNERO TEXTUAL QUADRINHOS	19
4.2 CHARGES E CARTUNS	23
5. HUMOR E LINGUAGEM	24
6. OS ESTUDOS SOBRE O HUMOR	26
6.2. TEORIAS DO HUMOR	30
6.2.1 Teoria do Script Semântico	30
6.2.2 Teoria do humor verbal	37
6.2.3 Teoria da Incongruência	40
6.2.4 Considerações de Bergson: uma reflexão acerca do riso	44
6.2.5 A abordagem de Santos: um novo olhar sobre os estudos do humor	48
7. O HUMOR E A PRAGMÁTICA-COGNITIVA	51
7.1 A INFERÊNCIA	55
7.2 O CONTEXTO	60
7.3 O PAPEL DOS CONCEITOS	65
8. A TEORIA DA RELEVÂNCIA E SEU ENCAIXE NO ESTUDO DO HUMOR	68
8.1. O AMBIENTE COGNITIVO E AS SUPOSIÇÕES FACTUAIS	70
8.2 OSTENSÃO	72
8.3 EFEITO CONTEXTUAL	74
8.4 RELEVÂNCIA INFORMATIVA E RELEVÂNCIA AFETIVA	77
8.5 REGRA <i>MODUS PONENS</i>	88
8.6 INFERÊNCIA INDUTIVA	92
9. INTERPRETAÇÃO PRAGMÁTICO-COGNITIVA DO HUMOR: UMA FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111

1. INTRODUÇÃO

Algumas características humanas traduzem gostos, costumes, tradições e modos de pensar. A partir delas, existe algo que se apresenta cotidianamente no nosso entorno: a propensão, espontânea ou não, ao risível, bem como o impacto de um conteúdo de humor ou que se torna humorístico diante do nosso raciocínio particular.

Como única espécie de animal capaz de pensar, elaborando estratégias de comunicação e, conseqüentemente, expressão de sentimentos e emoções de diversas formas, nós seres humanos temos a necessidade muitas vezes involuntária de que o riso esteja presente em nosso cotidiano pelo prazer, descontração, o desenvolvimento informal de uma conversa, etc.

Considerando as inúmeras representações da linguagem humana, pretendemos trazer uma importante contribuição para os estudos linguísticos analisando alguns pressupostos que fazem parte dessa linguagem, aparentemente indomável, intangível, cambiante e muitas vezes, polemista: a linguagem do humor. O humor se mostra como uma competente ferramenta de observação social, movido pela mente humana que quando busca solucionar um enigma, carrega experiências e informações prévias, adquiridas a partir do convívio social.

Por isso mesmo, a pesquisa na área da linguagem só tem a ganhar com os estudos dedicados à análise dos desdobramentos da linguagem do humor, considerando-a como parte da interação social e prova de que a inteligência humana extrapola a simples capacidade do envio e recepção de mensagens, pois o humor também é um fenômeno e pode formar, confirmar ou confrontar opiniões e comportamentos.

Dizemos que é parte da linguagem porque além de ser uma consequência da interação humana, o humor pode revelar importantes características acerca da sociedade e do modo como as pessoas representam o mundo, tanto a respeito de suas relações pessoais quanto às suas relações externas. Por isso mesmo defendemos a ideia de que o contato com textos de humor é importante e necessário para o desenvolvimento interpretativo e reflexivo do indivíduo.

Desde o início da comunicação humana, a atividade humorística esteve presente, evoluindo com os demais tipos de linguagem. Se colocarmos atenção

em nossas experiências de mundo, é notável que o riso ocorre como resultado de uma experiência anterior. Em outras palavras, o riso é a expressão de uma reação em determinada situação: isso faz parte da nossa capacidade de raciocinar perante experiências inusitadas.

Existem diversas áreas da ciência que se dedicam ao estudo desse fenômeno humano, como a filosofia, a sociologia e a psicologia. Na crença mais popular, costuma-se entender o riso (que também pode ser relacionado à felicidade, mas não se restringe a esse fim) como uma característica essencial de qualidade de vida.

Sendo assim, este trabalho pretende levantar a temática humor/riso/raciocínio partindo de uma questão fundamental: o porquê de as pessoas rirem de determinado fato/evento – restringindo-nos aos fatos/eventos de cunho textual e imagético que encontramos nas redes sociais – e de outras pessoas não rirem, tendo muitas vezes a reação contrária, como o desconforto, a raiva, reflexão e até mesmo não esboçando nenhuma reação.

O riso é contemplado como um fator positivo em nossa sociedade. Porém, é nítido que muitas vezes o contexto e o conteúdo humorístico podem causar o efeito contrário e, além do sujeito não rir, pode fazer com que ele se sinta ofendido/atacado/sensibilizado com o que inicialmente seria tentativa de causar o riso. É essa dualidade que pretendemos discutir em nosso estudo, promovendo uma reflexão acerca do raciocínio pragmático e do impacto social que as tiras e memes podem desempenhar.

Desse modo, essa pesquisa apresenta-se como um avanço dos estudos nessa área, considerando que não se restringe à uma análise estrutural dos conteúdos de humor, mas sim de hipóteses acerca da recepção e resposta a cada um desses estímulos, através de uma abordagem pragmática e cognitiva. Isso pode contribuir para fomentar a maneira com que os conteúdos do humor são debatidos na sociedade, principalmente no âmbito escolar e acadêmico.

O corpus do trabalho estrutura-se em nove seções. Formam as três primeiras a introdução, a metodologia de pesquisa e sua justificativa. A seção quatro, traz uma breve discussão acerca de alguns gêneros textuais do humor. A quinta seção trata da relação do humor com a linguagem, justificando o estudo pautado nesta área.

Na sexta seção encontram-se algumas das mais importantes teorias do humor, antecedentes à presente pesquisa. Introduzimos, na sétima e oitava seção, a relação entre o humor e a pragmática cognitiva, explicando o processamento mental da interpretação humorística com base na Teoria da Relevância e seu aprimoramento, proposta por Santos (2017) que revela as noções de Relevância Afetiva e Relevância Informativa, determinantes para o resultado da interpretação.

Por fim, na última seção contém a análise efetiva de três memes que demonstraram, em seu conteúdo, divergência na interpretação dos leitores, que nos permite convalidar a complexidade do processamento pragmático-cognitivo do humor devido a movimentação de diversos elementos mentais, ressaltando os demais alcances dos conteúdos de humor que extrapolam o riso, bem como a impossibilidade de delimitar aquilo que pode ou não ser engraçado, devido ao raciocínio individual do leitor.

2. JUSTIFICATIVA

Ao iniciarmos nossas pesquisas no âmbito dos estudos do humor no ano de 2017, através do trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Ponta Grossa, concluímos que ainda há uma lacuna no que se refere à interação entre o leitor/ouvinte e o conteúdo cômico, especificamente.

A partir da visão acadêmica sobre o tema, mas também partindo da visão social e docente, notamos que o humor ultrapassa as questões estruturais, sobre o que causa ou não causa comicidade nas tiras, charges, memes, cartuns, piadas ou situações inusitadas, como vemos em muitos exercícios didáticos nos livros, vestibulares ou avaliações. Em outras palavras, esse campo vem adentrando os mais variados assuntos como política, religião, comportamentos, não só promovendo um ar descontraído, mas também se revelando através da ofensa, hostilidade e agressão, por exemplo.

Nesse sentido, nos interessou entender, por meio desse estudo, como aquilo que seja hostil possa ser um dispositivo de humor e vice-versa, bem como evidenciar a complexidade do raciocínio realizado pelo leitor/ouvinte, para contribuir na validação do humor como campo de estudos e desmistificar a aparente trivialidade dessa área.

Como um campo de estudos científicos, o humor demonstra características que vem sendo analisadas por estudiosos da língua e sociedade, entre aspectos da interação verbal e não verbal que à primeira vista seriam tratadas como cômicas ou provocadoras do riso.

Autores como Kant (1971) Raskin (1985), Attardo (1991)¹, etc, abordam a temática do humor a partir de uma perspectiva mais estrutural, que representa um avanço no sentido de entendermos como o humor e a comicidade são construídos, qual é o dispositivo ou o gatilho para que possamos chegar ao riso.

Propomos revelar que além de questões estruturais ou gatilhos de humor, o raciocínio individual do leitor ou falante é muito mais decisivo para a comicidade. Nesse sentido, pretendemos evidenciar que o humor movimenta muitas informações armazenadas na mente do interlocutor independentemente se o resultado seja ou não o riso.

¹ Traremos, mais adiante, uma pequena discussão acerca das teorias do humor formuladas pelos estudiosos.

Em outras palavras, justificamos que não se trata de simplesmente tentar explicar o porquê de pessoas rirem ou não de determinado conteúdo, mas sim de explicar que toda e qualquer atividade humorística depende de um raciocínio pragmático e cognitivo revelando comportamentos e opiniões e, portanto, não deve ser considerado como um fator trivial e inofensivo ao convívio social.

Seguindo esta ideia, o humor deve estar presente também como um objeto de análises que extrapolem a incongruência e/ou a dualidade semântica e passe a ser entendido como um meio de trabalhar o raciocínio e promover discussões produtivas acerca do tema.

3. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, nos baseamos em uma estratégia de análise qualitativa, de caráter exploratório. Nossa metodologia de trabalho envolveu o levantamento de alguns estudos sobre o humor e seções destinadas a evidenciar a importância de uma pesquisa fundamentada a partir de uma teoria pragmático-cognitiva. Por fim, escolhemos algumas tiras e memes encontradas na internet como foco de nossas análises finais, porque observamos que nas redes sociais, elas têm servido como uma maneira de causar diversas reações nos leitores, trazendo desde conteúdos simples até conteúdos ideologicamente carregados, fazendo com que pessoas muitas vezes expressem e formem suas opiniões através dessas pequenas histórias.

Para entender esse raciocínio, utilizamos a teoria de Sperber e Wilson (2001) e seu aperfeiçoamento proposto por Santos (2017), que nos dá um importante subsídio para explicar, de acordo com a Teoria da Relevância, por que há dualidade de interpretação diante de um mesmo conteúdo que mantém como um dos objetivos, a comicidade. Este pode não ser o objetivo central, nem a única implicação de tal conteúdo: muitas vezes, questões que são colocadas em temas de humor tem valores interpretativos que vão muito além do rir ou não rir.

Pretendemos ampliar as análises para outros tipos de conteúdo humorístico e construir argumentos justificando o possível efeito contrário do que se espera: uma reação positiva e prazerosa. Além disso, objetivamos evidenciar a complexidade do raciocínio, bem como algumas informações básicas que são desencadeadas a fim de justificar o uso do humor como uma ferramenta para o desenvolvimento e uso do raciocínio.

Algo tão habitual em nossas vidas, muitas vezes não notamos a presença do humor e não pensamos sobre ele, nem mesmo pensamos sobre quão complexas inferências precisamos fazer para chegar a um resultado satisfatório de interpretação. De maneira geral, o humor é visto apenas como uma situação banal e não como um fenômeno humano. Podemos considerar o humor como uma das formas que caracterizam a unicidade e inteligência do homem, pois faz parte da consciência racional que só os seres humanos possuem.

O humor popular decorre de textos breves e sucintos, bem como de situações inesperadas ou inapropriadas, que não aparentam ter complexidade ou relevância ao leitor/ouvinte. Por isso, pretendemos mostrar que, na verdade, o humor tem um grande valor para a movimentação do raciocínio linguístico.

Um dos pontos que levamos em conta para esse estudo é a qualidade e a complexidade do processo inferencial a ser realizado pelo leitor/ouvinte, necessário para que haja uma interpretação do nível cômico, que de acordo com nossa abordagem que parte da Relevância Afetiva e a Relevância Informativa (SANTOS, 2017), que explicaremos nas próximas seções, pode variar entre alto, baixo ou nulo, de acordo com o resultado inferencial do raciocínio do indivíduo.

Esclarecemos que não é nossa intenção ofender, julgar ou desqualificar nenhum tipo de crença, costume, religião, opinião ou modo de vida dos indivíduos. Nosso objeto de estudo é tão somente descrever o processo de raciocínio que aproxima ou se distancia do riso, da ofensa ou da indiferença, observando a interferência das emoções e das influências sociais do leitor, considerando o tema como uma forma de explicar as interferências da nossa esfera social-cognitiva na capacidade da realização do plano humorístico.

Nosso trabalho faz análise de algumas tiras e memes encontradas nos veículos de entretenimento da internet por algumas das mais importantes teorias do humor, que constroem o corpus necessário para abordagem do tema. Utilizamos como critério para seleção o grau de discussão e divergência diante do assunto abordado a partir da verificação dos comentários e reações dos seguidores ou leitores das páginas de humor online.

Durante a coleta de dados e através de nossa convivência social, fica claro que o riso despertado por textos falados ou escritos pode trazer divergências de interpretação entre os indivíduos. Isso nos deu um primeiro fundamento para nossa hipótese de que há, além do prazer do riso, uma forma complexa e única de raciocínio que faz com que o leitor ou ouvinte movimentarem várias das informações armazenadas em sua mente e, ao mesmo tempo, identificar a intenção do locutor e possivelmente sua própria relação ou opinião com o determinado assunto abordado

Esse processo fomenta reações e respostas que podem ser utilizadas também como uma forma de estimular a busca por referências e informações que estejam ou não na mente do interlocutor para que esse compilado seja o

aparato para que se possa encontrar o significado do texto, bem como suas implicações.

No decorrer do texto poderemos notar, de certa forma, a manifestação de três eixos, sendo um deles o eixo principal e outros dois eixos secundários: o estudo do humor com base em uma teoria cognitiva; a influência das experiências sociais para a interpretação e os alcances do humor a partir da língua e da linguagem². Isso porque, a partir do nosso enfoque na pesquisa pragmático-cognitiva sobre a interpretação humorística e a propensão ao riso, surgiram outras questões que estão atreladas não só às contribuições para os estudos linguísticos, contribuindo para consolidar o humor como um campo de tais estudos.

O humor é decorrente da linguagem humana, das interações sociais e necessita da língua para ganhar forma; mas também tem contribuições sociais e contribuições para a área docente, considerando que o humor e sua permissividade podem revelar comportamentos, influenciar na interpretação de assuntos que estão fora da esfera humorística e se tornar uma espécie de referência na formação e na construção do pensamento crítico, sendo portanto um campo de reflexão e discussão necessário aos educadores e educandos.

Sendo assim, temos como eixo principal o estudo da interpretação do humor com base na pragmática cognitiva, que desdobra a discussão do segundo eixo acerca de como as experiências sociais dos interlocutores e seu poder em substituir ou fortalecer diálogos e argumentos dos indivíduos no que ele considera ou não como risível, ofensivo ou indiferente e por fim, como a língua, a linguagem e a interação permitem a pluralidade da produção e reprodução de humor, comicidade e reflexão, relevando algumas passagens em que tais questões são criadas pela própria língua e não teria o mesmo efeito em outros idiomas e outras culturas.

² Entendemos por linguagem todas as manifestações comunicativas do indivíduo, tais como gestos, sons, desenhos etc. Além disso, adotamos a concepção de língua como o sistema verbal utilizado pelos seres humanos para se comunicar.

4. UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O GÊNERO TEXTUAL

Recentemente, há uma atenção muito mais significativa às teorias de gênero; que ganharam força após a vinculação dos referenciais nacionais de ensino de línguas, trazendo o gênero como objeto de ensino. De acordo com Rojo (2005), os trabalhos realizados acerca dos gêneros, poderiam ser divididos em faces metateoricamente distintas: as teorias de gênero do discurso ou discursivos e teoria dos gêneros de texto ou textuais.

Essas duas vertentes mantinham-se com bases teóricas em comum como por exemplo a herança bakhtiniana, porém, com leituras distintas. Rojo explica que a teoria dos gêneros do discurso “centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos em seus processos sócio-históricos” (2005, p. 185); e a teoria de gêneros de texto centrava-se “na descrição da materialidade textual” (idem).

A autora aponta que dentre estes trabalhos, de maneira geral, era observável eram descrições de gêneros e de textos e enunciados pertencentes ao gênero, configurando-se numa estrutura de teoria de gêneros de texto, utilizando-se da estrutura ou da forma composicional que se integra à composição do gênero. Na teoria dos gêneros discursivos, foram selecionados aspectos da materialidade linguística, levando em conta a situação de comunicação, pautando-se em autores de base enunciativa.

Dentre as teorias brasileiras, Rojo menciona que Marcuschi adota a definição de gêneros textuais, definindo pontos importantes dessa discussão: para Marcuschi, o tipo textual se refere à estrutura mais formal, de natureza linguística, que abrange categorias como *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição*, *injunção* (p. 187).

De acordo com a autora, para Marcuschi, ainda que se tratando de gênero textual, a expressão se torna propositalmente vaga, se nos referimos aos textos materializados que encontramos no dia-a-dia, com interferências sócio-comunicativas³ – segundo Marcuschi, os gêneros textuais são inúmeros.

Rojo cita a expressão domínio discursivo, utilizada por Marcuschi, sendo uma importante noção referente à produção discursiva de atividade humana,

³ Assim como nos textos de humor que nos propomos a analisar neste estudo.

propiciando o surgimento de vários gêneros, de acordo com as práticas discursivas em que se pode identificar um conjunto de gêneros.

A autora, dentre outros exemplos citados, explicita que a definição de Marcuschi acarreta na dissolução da fronteira entre gênero e texto, pois diante dessa perspectiva o “texto aparece como um evento ou acontecimento linguístico pertencente a uma família de textos que tem por designação social um (nome de) gênero, acompanhado de sua representação (noção) de base social” (ROJO, p. 188).

4.1 O GÊNERO TEXTUAL QUADRINHOS

O gênero Quadrinhos é bastante comum e uma forma de leitura que agrada pessoas de diferentes idades e traz uma leitura mais simples e direta, alcançando um número muito maior de leitores.

Os quadrinhos se configuram como um gênero textual com uma identidade própria, porque utilizam-se da união da imagem com o texto, sendo esses dois códigos imprescindíveis para a interpretação deste gênero.

De acordo com Lins e Pereira (2009), nas questões de estrutura, os quadrinhos que possuem balões, em combinação com as onomatopeias, determinam um discurso direto e potencializam um efeito de natureza fonética. A combinação do visual e verbal dos quadrinhos fazem com que o gênero tenha um alto potencial para as análises linguísticas.

Os quadrinhos – e outros gêneros textuais do humor – trabalham com a reorganização e reinterpretação de contextos, abordando nas ações dos personagens situações que podem ou não ser comuns aos leitores.

De maneira geral, os autores caracterizam as tiras ou tirinhas como um subgênero dos quadrinhos, já que tem a mesma configuração, mas com um número menor de quadrinhos.

Para Ramos (2013),

as histórias em quadrinhos compõem um hipergênero, um campo maior que agrega diferentes gêneros autônomos. Em comum, tais produções teriam a tendência de serem narrativas, de compartilharem recursos próprios da linguagem quadrinística (balões, onomatopeias, linhas cinéticas, entre outros) e de antecipar ao leitor que se trataria de uma história em quadrinhos. (p. 1285)

As tiras são, dessa maneira, um dos gêneros autônomos derivados dos quadrinhos e possuem recursos próprios e uma leitura peculiar em relação aos quadrinhos: ainda que se trate de passagens mais curtas, são igualmente carregadas de significado. Em outras palavras, a tira

é uma história em quadrinhos curta, que quase nunca ultrapassa o número de quatro quadros. Veiculada diariamente em jornais, a tira pode conter episódios completos ou ser fragmentada em capítulos semanais. Cada tira tem seu personagem permanente (CÓRIO, 2006, p. 73, apud SANTOS, 2015, p.186).

Alguns dos nossos objetos de análise serão as denominadas tiras cômicas, ou simplesmente tiras, que tem predominância de circulação no nosso país (em jornais, revistas, internet etc.). De acordo com Ramos (2013), o termo é uma tradução de *comic strip* importada dos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século passado. Tais tirinhas são normalmente caracterizadas por configurarem-se como produções marcadas por um desfecho inesperado, tal qual uma piada.

Citado por Santos (2015), Ramos afirma que o formato do quadrinho pode ser variável, sendo os mais convencionais o retângulo e o quadrado, mas podendo assumir outros formatos dependendo da intenção, da criatividade e da necessidade do autor.

As tiras têm um formato menor, mais compactado e limitado, podendo apresentar-se em um só quadrinho. A caracterização dessas tirinhas

recai sobre a temporalidade da ação narrativa, que requer uma compensação via recursos gráficos bem elaborados para compor a sucessão temporal quadro a quadro presente na tira com mais de dois quadros. (SANTOS, 2015, p. 188)

Na concepção de Ramos (2007) e Corio (2006)⁴, a tira se configura a partir de alguns elementos básicos, os quais Corio chama de arquitetura da tira. A partir da leitura de Santos (2015, p. 188) elencamos 6 elementos dessa arquitetura:

⁴ Apud Santos (2015)

Ação narrativa: Acontece pela linguagem verbal, expressão corporal e movimentos dos personagens retratados na tira. Tais elementos podem representar emoções, ou ainda servir de intensidade de expressão dos desenhos, utilizando traços fortes e maiores da boca, olhos, sobrancelhas etc., dependendo do grau de expressividade que se quer dispor ao personagem.

Tempo: O tempo e o espaço são elementos indissociáveis no quadrinho. Existe um movimento e uma interconexão entre os quadrinhos que inicialmente dá a ideia de temporalidade. De acordo com Santos (2015), é a ilusão de movimento dos personagens que resulta no tempo do quadrinho, que deve ser inferido pelo leitor em relação à transposição do tempo real.

Espaço: O espaço é a configuração que evoca a perspectiva de distância profundidade, proporção e volume da tirinha. A percepção destas perspectivas ocorre por meio da percepção visual do leitor, fazendo com que se dilate a dimensão do quadrinho.

Cor: A cor possui valores informativos tanto no campo visual quanto no campo da estilística. No uso da cor preta e branca, segundo o autor, além da estilística, pode representar algum tipo de limitação de custos ou recursos tecnológicos. Com a tecnologia, pode-se fazer um maior número de combinações de cores e, conseqüentemente, o valor informativo também aumenta. É sempre usado para ressaltar alguma característica, seja do personagem, do texto ou para a criação de perspectiva.

Fala: Santos salienta que o balão é um dos recursos mais utilizados nos quadrinhos, para expressar a fala ou o pensamento dos personagens, para delimitar os discursos dentro da pequena narrativa, podendo variar entre discurso direto e indireto. Autores mais contemporâneos não utilizam balões em sua forma tradicional, demarcando os discursos com algo que podemos chamar de “balão invisível” ou virtual, já que essa técnica permite, da mesma forma, delimitar os discursos dentro da tira.

Som/onomatopeias: De forma geral, as tirinhas utilizam como recurso linguístico os sons e onomatopeias (que fazem dos sons do quadrinho serem representados visualmente por meio da representação do som: “BOOM; CRASH; SPLASH”) que dimensionam o aumento ou a diminuição do som, auxiliando na representação dos elementos de conversação. Em suma:

Nesse sentido, balão vazio representa silêncio, reticências representam pausa ou hesitação, repetições de sílabas equivalem a engasgos, assim como blá-blá-blá equivale a discurso prolongado, z z z z corresponde a sono e ah, ah, ah, ah representa uma gargalhada. Haveria, portanto, no quadrinho uma hibridização de signos verbais e visuais para representar estados emocionais e psicológicos dos personagens (SANTOS, 2015, p. 189)

Nos dias atuais, com o aumento do acesso a internet e a popularização das redes sociais como ferramenta de entretenimento, as tiras que até então eram vistas, na maioria das vezes, apenas em revistas e jornais ganham maior espaço e notoriedade. Com isso, também foi possível notar as variações no seu modo de criação, o objetivo e seu papel social.

O meio virtual se tornou um locus privilegiado para a circulação de tiras. No Brasil, chegou-se ao ponto de o volume de histórias, no final da primeira década deste século, ser maior que o visto nos jornais, ambiente onde foram publicadas desde os anos iniciais do século 20 (RAMOS, 2011, p. 1)

Assim, a internet popularizou o gênero textual de maneira muito significativa, ampliando suas funções e modificando seu formato tradicional. Inicialmente através dos blogs e agora nas páginas de entretenimento das redes sociais mais populares em nosso país (Facebook, Twitter, Instagram e Whatsapp e blogs), as tiras representam em grande parte, na forma de divertimento, reflexão ou indagação, a vitalidade dessas redes.

Sem dúvidas, “o meio virtual permite impor alterações no modo de produção das tiras, a começar pelo próprio formato delas” (RAMOS, 2011, p. 8). Em outras palavras, sua disposição tradicional de tamanho, finalidade, recursos linguísticos e imagéticos entre outros fatores podem ganhar nova roupagem.

A maior característica na linguagem da internet é a velocidade com que os conteúdos aparecem, somem e eventualmente ressurgem. Essa instantaneidade segue regra quanto ao consumo das tiras. No caso das tiras que são produzidas com o intuito de divertir o leitor, ocorre uma certa readequação do gênero textual promovido por essa explosão momentânea, colocando a tira como uma variação do que chamamos popularmente de meme⁵.

⁵ De acordo com o dicionário Priberam, meme significa “imagem, informação ou .ideia que se espalha rapidamente através da internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem.” (in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/meme> [consultado em 24-05-2018].)

O diferencial da tira cômica é ter um processo semelhante ao de uma piada. Com personagens fixos ou não, o gênero conduziria a um desfecho inesperado, fonte do humor. A tira seriada, ao contrário, contaria uma história maior, dosando um capítulo em cada tira. Se reunidas, ficaria mais claro que todas as etapas da narrativa formam uma trama maior. (RAMOS, 2011, p. 2)

Para explicar melhor, não quer dizer que a tira deixe de ser uma tira, ou que seja uma piada, apesar de ter um processo semelhante. O gênero textual ainda possui suas marcas, ainda que muito singelas. No entanto, é a popularidade e a utilização em massa que faz dela um meme.

4.2 CHARGES E CARTUNS

Ainda que estes gêneros não sejam nosso foco principal de pesquisa, colocamos como possibilidade de análise para explicar alguns aspectos de nosso estudo. Por isso mesmo, achamos por bem elencar alguns aspectos principais de sua função e estrutura.

De maneira geral, muitos pesquisadores trazem a charge como um gênero que se utiliza da linguagem verbal e não-verbal em um quadro único, quase sempre com um caráter crítico em relação a um período específico ou um acontecimento social, sendo, portanto, uma construção circunstancial: é preciso estar a par da realidade social presente na charge para que seu entendimento seja possível.

A charge quase sempre tem um alvo específico, podendo ser uma pessoa, empresa, entidade ou qualquer outro segmento que represente algum valor social. Além disso, traz uma crítica que pode estar envolvida com a ironia ou o sarcasmo, e não está pautada necessariamente na incongruência ou no desfecho, como ocorre com as tiras. Outra característica é que alguns chargistas utilizam um título como ferramenta de linguagem, e a relação entre autor e criação é explícita – todas as tiras têm um estilo que caracteriza a criação do autor.

5. HUMOR E LINGUAGEM

Um dos motivos pelo qual o humor é pouco estudado e as pesquisas nesse âmbito são tratadas como triviais e/ou frívolas, é o fato de que se desconsidera que o humor faz parte da linguagem humana, e depende de complexos processos cognitivos no qual ele está envolvido.

Para que possamos dizer com clareza o porquê de o humor ser uma linguagem (um tema pontual nos estudos da linguagem), traremos algumas considerações propostas por Bagno (2014) sobre o que é a linguagem.

O autor considera necessário pensar a linguagem sob o viés de teorias sociocognitivas, pois não separam a língua de sua função social, considerando a produção e a aquisição de conhecimento a partir das experiências individuais ou coletivas. Para o autor, somos seres coletivos e nossa vida só faz sentido em sociedade.

Bagno explica que a linguagem é um fenômeno de ordem cognitiva, porque está inscrita no cérebro e disponibiliza-se aos interlocutores de maneira espontânea e inconsciente, na concepção do autor, a partir de nossas interações sociais, sendo um fenômeno de ordem sociocognitiva que

[...] ao mesmo tempo em que é uma capacidade biológica da espécie humana (e exclusiva da espécie humana) de adquirir/produzir/transmitir conhecimento por meio de representações/simbolizações do mundo, ela também é uma força motora de **coesão social**, ela é preservada e transformada pelos membros de uma comunidade humana e, por isso, sujeita aos fluxos, influxos e contrafluxos políticos, econômicos e sobretudo culturais dessa comunidade. (BAGNO, 2014, p. 13)

Nas palavras de Bagno, a soma das cognições individuais forma uma cognição social. Para guiar-se dentro da sociedade por meio da linguagem, o indivíduo faz uso de seus conhecimentos coletados a partir de suas experiências, que vão desde aquelas adquiridas de forma particular, quanto aquelas experiências adquiridas em conjunto. Cada resposta aos estímulos coletivos e individuais do sujeito é marcada, ainda que implicitamente, por suas crenças, valores, conceitos, etc.

O autor salienta que a evolução da linguagem, da cognição e da cultura estão intimamente entrelaçadas numa espécie de coevolução e, se as coisas realmente seguirem esse curso, o estudo da linguagem não pode ser dissociado

dos fenômenos cognitivos e culturais. É por isso que trazemos para o nosso estudo as questões entre cognição e raciocínio pragmático, considerando sua importância para os estudos linguísticos.

O estudo do humor revela essa relação intrínseca entre os aspectos cognitivos e sociais, e nos permite mostrar, a partir da análise de como o humor prossegue entre aspectos sociocognitivos, que a relação entre a cognição individual e a cognição social é determinante para os resultados de uma interpretação.

Bagno explica a linguagem por meio de duas definições. A primeira refere-se à linguagem como sendo uma faculdade cognitiva da espécie humana, que permite aos indivíduos representar e expressar simbolicamente sua experiência de vida, bem como produzir, compartilhar, adquirir, processar e transmitir conhecimentos. A segunda definição trata da ideia de linguagem como todo e qualquer sistema de signos empregados pelos indivíduos na produção de sentido, ou seja, para expressar, de acordo com o autor, sua faculdade de representação da experiência e do conhecimento.

Como mostraremos no decorrer de nosso estudo, o humor se vale tanto da linguagem enquanto faculdade cognitiva quanto da linguagem sistêmica verbal e não verbal. Primeiro porque tanto na criação quanto na interpretação do humor, acionamos conhecimentos coletados a partir de nossas experiências, no processo do raciocínio pragmático cognitivo que podem ter resultados variados, a depender de quais informações estão armazenadas na mente do indivíduo, bem como da disponibilidade delas durante a interpretação.

Em segundo lugar – como também explanaremos a seguir, principalmente em relação às tiras e memes que analisaremos – é comum a utilização da combinação de imagem e texto escrito. Tais explicações nos permitem entender que o humor é parte da linguagem, pois é a partir do uso da língua e da linguagem que podemos criar e recriar situações cômicas espontâneas ou não.

Portanto, essa e outras questões que discutiremos em nosso estudo corrobora a relação entre linguagem, cognição e aspectos sociais. Isso quer dizer que o humor nos permite demonstrar que há muito do social no cognitivo e vice-versa, e no discurso humorístico essa relação se mostra bem mais explícita.

6. OS ESTUDOS SOBRE O HUMOR

Como já mencionamos anteriormente, existem vários estudos sobre o humor que antecedem nossa pesquisa, com contribuições de extrema importância e clareza para esta área. Elencamos algumas dessas teorias para que seja possível observarmos como o humor é trabalhado nessas pesquisas e dessa forma, visualizar o ineditismo de nossa proposta: pensar o humor a partir do raciocínio pragmático-cognitivo do leitor, considerando seu conteúdo em segundo plano.

Assim, poderemos entender seu potencial de não só de dar o prazer aos sujeitos, mas também podendo provocar o desconforto e/ou a reflexão. Nossa contribuição visa ainda, mostrar que nas salas de aula, vestibulares ou provas, o conteúdo humorístico não deve estar restrito a estudos sobre o que causou ou não o humor na tira, mas além disso, quais informações foram utilizadas, qual contexto está sendo abordado, o porquê tal conteúdo causou divertimento ou ofensa, qual é o seu papel na sociedade, etc.

De acordo com Lins (2016), a tarefa de explicar o humor é um trabalho que foi explanado em diferentes áreas do conhecimento. A autora destaca que Freud (1905), Raskin (1985) Bergson (1990), entre outros autores, fazem parte da construção e consolidação dos estudos relacionados ao humor.

Como anteriormente mencionado, está presente no cotidiano nas mais variadas formas de linguagem: é um estímulo que, como qualquer outro pretende ocasionar uma resposta. Dentre estes estímulos, podemos citar a piada, as sátiras, as tiras, os programas de rádio e televisão que apresentam conteúdo humorístico, entre outros, além de situações do cotidiano que de alguma maneira podem se tornar um evento humorístico.

O humor nas tiras e memes (conteúdos nos quais nos focalizamos na presente pesquisa) necessita de raciocínio interpretativo, em que o discurso percorre um caminho específico para primeiro chegar ao entendimento do sentido (qual é a representação comumente aceita daquele discurso) e, posteriormente, alcançar o significado (qual é a representação individual, que depende do resultado da interpretação de cada sujeito) – sendo este o último estágio para o resultado de humor em seus possíveis graus de comicidade.

Ainda que existam várias pesquisas e teses relacionadas ao tema, os estudos realizados pelos pesquisadores até o presente momento não entraram em um consenso propriamente dito com relação à definição do conceito de humor, porque não decorre de apenas uma esfera linguística ou social. Sendo assim, os estímulos (uma situação, uma piada, uma tira, uma charge, etc) se relacionam à disponibilidade e aceitabilidade individual.

Com relação à algumas dessas teorias sobre o conceito de humor, de acordo com Santos (2014), historicamente esse conceito origina-se de *cômico*, definição originária do campo da estética filosófica e que caracteriza “a faculdade de fazer rir ou de divertir” (p. 28).

Seguindo essa perspectiva

[...] o humor, em oposição ao Wit (espécie de agudeza do espírito ou espirituosidade do indivíduo) designa uma atitude bem-disposta e conciliadora, produto de um coração tolerante que se dispara com as imperfeições da vida. (SANTOS, 2014, p. 28)

Mais tarde o conceito é reformulado como humor racional, substituindo o Wit⁶ e o sarcasmo pelo humor “verbal” e “hostil” respectivamente. Para Ermida, citada por Santos, na tradição humanística o humor se relaciona a um valor comportamental desviado de normas e padrões sociais – uma excepcionalidade que provoca o riso.

A saber, os estudos relacionados ao humor não necessariamente trazem o riso como uma reação intuitiva e consequente do humor. A relação entre o humor e o riso está num acarretamento implícito ou explícito, mas não se relaciona à uma regra em que um seja necessariamente uma consequência do outro.

Cada área do conhecimento desenvolve um significado para o que chamamos de humor. No caso da literatura, por exemplo, associa-se humor à paródia, à sátira etc. Santos (2014) ressalta que, na língua portuguesa, o conceito de *humor* se torna mais complexo: possui uma única palavra originária do latim *umor* para designar todas as variações do termo mencionado.

⁶ Este conceito foge à tradução na Língua Portuguesa. De acordo com Santos (2014) pode ser representado como uma espécie de espírito brincalhão, uma habilidade do uso das palavras para criar o risível.

Para tratar das relações entre humor/riso existe quase sempre uma relação de quebra de conceitos e/ou expectativas com relação àquele determinado tipo de discurso que tenha uma intenção cômica. Isso ocorre porque precisamos ser capazes de criar de maneira instantânea um plano fora da realidade para que possamos inferir um sentido e chegarmos possivelmente ao riso.

Referente ao humor e riso, Santos (2014) traz a visão de Freud (1905) que destaca o humor como um tipo de emoção. Seguindo esta ideia, é notório que a fase preparatória do humor é coincidente com a fase da aprendizagem da linguagem, em manifestações de experimentos linguísticos lúdicos. Nas palavras de Lins (2016), Freud explica ainda que o humor pode ser entendido através da categorização de chistes, e que a partir destes, podemos explorar o ridículo no inimigo, o que não ocorre de maneira aberta e consciente.

De acordo com nossas experiências docentes e no convívio social, observamos que para uma criança em idade escolar por exemplo, o humor se apresenta de maneira mais imagética e sensorial, encontrada nos desenhos animados, livros, atividades escolares, brincadeiras, situações cotidianas que adquirem uma conotação humorística etc. Sem dúvida, a criança faz um raciocínio lógico a cada situação que leva ao riso. Notamos ainda que o humor infante ocorre de maneira compartilhada, por meio de jogos verbais e associação de ideias. De acordo com nossas experiências em sala de aula, observamos que as crianças sentem a necessidade literal de comunicar com o riso, informando aos presentes que existe entre eles uma relação prazerosa e comum.

Na fase adulta, através de nossas relações sociais, é notável que além do humor comunicativo, observamos que há um tipo de humor mais seletivo, que muitas vezes é mais específico, já que carrega em si outras questões em torno do pensamento, crenças e preferências do indivíduo mais claras e concisas. Para Santos (2009, p. 30), os jogos verbais iniciados na infância podem compor as particularidades de constelações possíveis de associação de ideias. Nessa relação, é possível afirmar que um adulto tem uma maior consciência em relação ao humor e ao riso no sentido de ser mais seletivo em relação ao que é risível para ele, enquanto a criança se vale dessas situações de uma maneira mais espontânea e mais frequente.

Quando não rimos de alguma piada, tira ou brincadeira, por exemplo, não tiramos seu valor humorístico mesmo sem ter nos causado o prazer do riso, ainda mantemos aquele texto (seja oral ou escrito) em uma classe de humor: utilizar o conteúdo característico do humor não quer dizer, de maneira alguma, que aquilo objetive ou consiga necessariamente alcançar o riso.

Attardo (apud SANTOS, 2014) explicita que o humor é um fenômeno mental (intelectual), e o riso se configura como uma complexa manifestação neurofisiológica. Com relação ao riso, o autor aponta que este denota um efeito sem especificação da causa, podendo ser caracterizado pelas características a seguir:

[...] a) ser psíquico – provocado por alucinógenos; b) ser intelectual; c) exceder largamente o humor; d) não ser diretamente proporcional à intensidade do humor; e) nem sempre ter o mesmo significado; f) pode ser atenuado em forma de sorriso, apenas; g) tanto o riso quanto o sorriso podem ser observados diretamente. (p. 30)

Santos (2014) explica ainda na concepção de Freud, o humor como evento que caracteriza uma relação entre linguagem e prazer, apresentando estágios variáveis de acordo com a idade e o lugar em que o indivíduo está situado no mundo, bem como sua disponibilidade para as questões humorísticas.

Santos e Brunet (2016) explicam que na concepção de Kant (1791)

[...] o riso é uma afeição que surge da transformação repentina de uma expectativa tensa em algo que não acontece, isto é, a atenção sobre um evento – um fato no mundo – é geralmente atraída para uma expectativa de transformação desse evento e resulta na descoberta súbita de que a expectativa se tornou nada. (p. 14)

Schoppenhauer (1819, apud SANTOS; BRUNET, 2016) define o riso como resultado da incongruência percebida repentinamente entre um conceito e os reais objetos pensados na mesma relação. A partir daí os estudos de humor trouxeram em seu ponto mais alto o termo incongruência, que segundo os autores diz respeito a dualidade da relação entre a percepção e a representação do estado das coisas no mundo, mais especificamente em relação ente o objeto, os conceitos e a realidade. Abordaremos, neste momento, algumas teorias que contribuíram significativamente para a construção de conceitos relacionados ao humor.

Como já mencionamos, ainda não há, na literatura, nenhuma definição concisa do humor e suas várias vertentes, reações e motivações. Existem, na verdade, grandes teorias bastante significativas, cada uma a seu modo. Ainda que não abarquem todo o aspecto humorístico, são indispensáveis para que possamos pensar no humor como um fenômeno plural e, de certa forma, um tanto misterioso.

O humor, ainda que assuma muitas formas diferentes, não pode ser reduzido a uma única regra ou fórmula. Em vez disso, devemos vê-lo como um processo de resolução de conflitos. Neste sentido, o humor é um processo, não uma visão ou um comportamento. É o resultado de uma batalha em nosso cérebro entre os sentimentos e os pensamentos, uma batalha que só pode ser compreendida ao se reconhecer o que causou o conflito. (SALIBA, 2017, p. 9)

Apresentaremos, nesse momento, algumas das teorias mais importantes para o campo de estudos do humor, para que possamos entender como essa área ganha forma em alguns dos estudos científicos.

6.2. TEORIAS DO HUMOR

Apresentaremos a seguir, algumas das mais importantes teorias elencadas por estudiosos do humor, que contribuíram significativamente para a discussão e o aperfeiçoamento do humor e de seu funcionamento, nos moldes da pesquisa científica.

6.2.1 Teoria do Script Semântico

Podemos elencar como uma das mais importantes para nossa pesquisa, a teoria da incongruência e a teoria de script semântico. Faremos uma breve apresentação dessas correntes teóricas abordadas por Santos (2014), para que possamos chegar a nossa análise referente às tiras que são objeto de nossa pesquisa.

Nossa reflexão não tem por objetivo definir ou estender-se em um estudo extremamente aprofundado em direção à todas as variações e conceitos que são apresentados quando falamos em humor, riso e tiras. O caminho a ser percorrido, como sabemos, é um fragmento de algumas hipóteses e teorias

sobre tais assuntos, propondo uma reflexão acerca deste, que ainda é pouco estudado em nosso país.

Para o entendimento dos raciocínios linguísticos ativados na presença de um texto cômico, temos como referência a *Semantic Script Theory of Humor* (SSTH) de Raskin (1985 apud SANTOS, 2014), que segue a mesma linha de interpretação presente na teoria da Gramática Gerativa proposta por Chomsky em que o falante parte da competência linguística de sua gramática internalizada para distinguir, num conjunto infinito, as frases gramaticais e as não-gramaticais.

Raskin acredita que o interlocutor é capaz de distinguir os textos humorísticos através de uma competência humorística, explicaremos tal teoria com o intuito de informar o leitor, ainda que de maneira panorâmica, sobre suas especificidades, mas não podemos adotá-la como explicação satisfatória do porquê de rir e não rir já que ela esboça pouca abrangência à pragmática e a cognição, que são os caminhos mais prudentes para o sucesso desse tipo de análise.

De acordo com tal teoria, podemos a competência atua na relação interpretativa em relação ao texto humorístico, ativando suas propriedades inferenciais (com a interferência das dêixis) para distinguir o que é engraçado e o que não é. Sendo assim, para Raskin, o falante dispõe dessa “competência humorística” que por si só permite que ele faça essa distinção (SANTOS, 2014).

Contudo, na análise de Santos (2014) a “competência humorística” é insuficiente para que o falante possa chegar ao riso, pois é uma competência essencialmente linguística, que não apresenta um aprofundamento acerca do raciocínio. Em outras palavras, na realização do raciocínio, no âmbito linguístico temos um texto cômico, mas inferencialmente não.

Nessa perspectiva,

[...] a competência humorística de um falante/ouvinte ideal de uma comunidade homogênea seria suficiente e necessária para gerar humor, independente de a piada versar sobre etnia, gênero, religião, ou qualquer outro elemento estereotipizado que faz com que uma piada seja uma piada (SANTOS, 2014, p.41)

O texto de humor necessita de mais que sua caracterização como gênero para ser considerado engraçado. O leitor/ouvinte não tem essa ligação direta com a intenção do riso.

A disparidade da competência linguística extrapola o conceito de piada, visto que também é insuficiente na interpretação da tira e à outras relações de texto humorístico. O interlocutor necessita de um raciocínio que vá além do linguístico, pautando-se em uma relação cognitiva de sentido e significado que, quando sincronizados, levam ao riso.

Na hipótese da competência linguística, Raskin, (apud SANTOS, 2014, p. 41) explica que à essa concepção se aplica a teoria de que um texto pode ser caracterizado como piada se satisfizer as seguintes condições:

- a) que o texto seja compatível, inteiramente ou em parte, com dois *scripts* diferentes;
- b) que esses dois scripts, presentes inteiramente ou parcialmente nesse texto, sejam opostos.

Attardo (apud SANTOS, 2014) salienta que, encontramos nos estudos de Raskin o conceito de *script* como uma rede de informação sobre determinada coisa, sendo uma estrutura cognitiva e internalizada que dá ao interlocutor noções sobre a organização e a realização das coisas, alinhando-se ao conceito de conhecimento. Em outras palavras, um script seria o conhecimento social e cultural sobre um fato.

Podemos esboçar uma interpretação de uma das tiras que embasam nosso estudo de acordo com a teoria de script semântico de Raskin, tal qual proposto na análise de Santos (2014):

Figura 1: Tudo tem um começo⁷

APÓS AQUECIDO, DEIXAR
MILHÕES DE ANOS ATÉ ESFRIAR.



Fonte: RUAS, Carlos. 845. **Um Sábado Qualquer**, 16 de maio de 2012, Disponível em: <http://www.umsabadoqualquer.com/845-tudo-tem-um-comeco/>. Acesso em: 04 de junho de 2016.

Sujeito: [+de forma humana] [+ancião] [+ figura masculina] [+tem poderes divinos] [+ unipresente e unipotente]

Atividade: Criador do mundo e da humanidade

Guia a humanidade

Dá lições, comanda destinos

Tem seguidores

É a explicação para aquilo que não é explicável ou esperado

É responsável pelas coisas boas

Possuinte de toda a sabedoria existente

Local: Céu ou Universo

Tempo: milhões de anos

⁷ Em relação à reação dos leitores das tirinhas de Carlos Ruas, salientamos que não são todas as pessoas que acham engraçado/cômico. Suas respostas às tiras vão desde o prazer do riso até a ira pelo fato de utilizar as religiões como assunto principal de suas tiras. Tais reações podem ser observadas nos comentários do blog, bem como na página do Facebook, intitulada “Um sábado qualquer”.

Condição: Mantém contato com suas criações conscientes somente através de emoções e sentimentos delas; não possui referente concreto.

O script sobre um referente/evento passa a ser o que podemos extrair do nosso conhecimento de mundo acerca de uma informação, seja ela coletiva ou individual sem que se aprisione no valor de verdade, para que a sobreposição dos scripts seja possível e então gere o humor na tira em questão. Nas palavras de Costa (2015), a

SSTH postula que as piadas podem violar as máximas de Grice (1975), já que elas possuem um conjunto de máximas específicas ao modo de comunicação humorística denominado non-bona-fine. O modo non-bona-fine seria a passagem do aspecto sério para o fantasioso. Este modo é importante, pois postula que, no contexto humorístico, as pessoas não precisam estar comprometidas com a verdade do que dizem. (p. 18)

O script elencado é resultado da ativação do nosso conhecimento linguístico e extralinguístico de sentido, auxiliando no processo de interpretação para que seja possível inferir o significado da informação que nos foi dada. Ativando tais conhecimentos, alinhamos nossas capacidades linguísticas de modo a identificar a oposição do script: o ato de cozinhar/preparar/assar alguma coisa e a criação do mundo. Seguindo o modelo da SSTH, o script de cozinheiro/chef seria:

Sujeito: [+de forma humana] [+ figura masculina] [+cozinheiro]

Atividade: Cozinhar/assar

Segue uma receita

Pratica o ato de cozinhar/assar por várias vezes

Alimenta pessoas

Local: Cozinha

Tempo: tempo variável

Condição: Atividade indispensável para a vida humana

Nessa perspectiva, o riso passa a ser o resultado da oposição desses dois scripts, sendo eles a peça chave (*punchline*) desse resultado. Quando nos colocamos em raciocínio sob tais oposições há, de certa forma, um Deus humanizado, apropriando-se de uma capacidade humana, numa relação explicativa da criação do mundo, olhando em um livro de receitas – o que descaracteriza a noção de Deus como um ser divino detentor de todo e qualquer conhecimento.

Isso se opõe ao conhecimento de mundo acerca do poder de Deus de acordo com a religião, mas não se opõe ao conhecimento em relação à sua função: a criação do mundo. Ocorre, então, uma mudança do script de Deus (figura divina que sabe de tudo) e do cozinheiro (figura humana que necessita do livro de receitas para realizar tal atividade). A passagem de um script para o outro, segundo Raskin, é ativada pela competência humorística do ouvinte (SANTOS, 2014, p. 44).

A teoria da SSTH é, de fato, uma teoria muito interessante quando pensamos em análise do humor. Contudo, não é a única vertente de interpretação teórica desse fenômeno, ou seja, não é a condição única para o humor. Nesse caso, essa mesma oposição dos scripts pode ocasionar outras vertentes de interpretação, podendo não ser necessariamente uma interpretação humorística, ainda que esta fosse a intenção do autor.

No componente pragmático previsto por Raskin, o discurso humorístico extrapola a noção de negação de uma comunicação seria, pois, sua função não é informativa, e sim, subverter, jogar, brincar com uma norma pré-estabelecida (SANTOS, 2014, p. 45).

Há, claramente, a ideia dos dois scripts na tira a seguir

Figura 2: Sinal Divino



Fonte: RUAS, Carlos. 643. **Um Sábado Qualquer**, 18 de julho de 2011. Disponível em: <http://www.umsabadoqualquer.com/643-sinal-divino/>. Acesso em: 05 de junho de 2016.

No primeiro quadro existe uma expectativa criada pelo leitor quando em contato com o script da oração do personagem que pede a Deus um sinal de sua existência, para logo no quadrinho seguinte se deparar com o script de que Deus, em uma realidade paralela, atende o pedido enviando-lhe um “sinal de trânsito”. Dessa forma, temos o script sinal se opondo em dois significados – o sinal como indício e o sinal físico (de trânsito). Vejamos outro exemplo, na configuração de uma piada:

Figura 3: Ocho personas que no tengan problemas

-queria una mesa de comedor grande
 -en esta caben ocho personas sin problema
 -a ver de donde saco yo ocho personas que no tengan problemas

Fonte: Autor desconhecido. Disponível em <
<https://www.facebook.com/groups/1496864477242315/>> Acesso em: 28/01/2018.

No diálogo anterior, existe um jogo de significados nos conceitos elencados pelos sintagmas “sem problema”, que se configuram como scripts

opositores entre si e se mostram como o gatilho do texto humorístico para que o leitor chegue ao riso.

Do ponto de vista pragmático, podemos assumir que os indivíduos escolhem as interpretações e os significados dos enunciados com base nas expectativas que são criadas tanto pelos conhecimentos e experiências individuais quanto pelo conhecimento cultural coletivo “compartilhado” com os membros da comunidade a qual pertencem. (SANTOS, 2014, p. 50)

De acordo com Santos e Brunet (2016), só é possível encontrar a incongruência quando ativamos nosso conhecimento enciclopédico, pois ele é o responsável pelo script opositor. Sendo assim, a Teoria do Script Semântico explica qual é o gatilho que representa a grande sacada dos conteúdos do humor, mas pouco explana sobre as relações de raciocínio cognitivo que estão por trás desse fenômeno. Nesse sentido, considerando que tal teoria se fixaria em conteúdos acabados, não se mostrou suficientemente significativa para outras facetas do humor como por exemplo as atividades verbais, entre outros tipos de humor mais comunicativo.

6.2.2 Teoria do humor verbal

Esta teoria foi alavancada como uma extensão, uma reformulação da Teoria do Script Semântico, ampliando e incluindo novos aspectos em relação ao modelo anterior. Santos e Brunet (2016) afirmam que tal teoria linguística abrange aspectos da língua textual, da teoria da narrativa e da pragmática, buscando o humor não só em piadas prontas, como também nos resultados de narrativas mais interacionais.

A Teoria Geral do Humor Verbal (abreviada GTVH, em língua inglesa) elenca cinco parâmetros cognitivos que, segundo esta análise, funcionariam como um mecanismo que permite analisar quaisquer tipos de texto humorístico verbalizado. De acordo com Costa (2015), tal expansão

[...] foi possível pela introdução de seis “Fontes de Conhecimento” (“Knowledge Resources”) aos scripts de oposição. Com isso, a piada passou a envolver seis conhecimentos por parte de quem a lê/ouve: Linguagem; Estratégia Narrativa; Situação; Oposição de Scripts; Mecanismo Lógico; Alvo. (p. 20)

A definição de cada um desses parâmetros é apresentada da seguinte maneira⁸:

- a) Linguagem (LA): a linguagem é o parâmetro responsável pela apresentação das informações necessárias para a efetivação da verbalização do texto humorístico, organizando as informações e as estratégias verbais utilizadas.
- b) Estratégia Narrativa (NS): é responsável pela organização das manifestações do humor narrativo.
- c) Alvo (TA): é responsável pela seleção do alvo, determinando como e qual perfil de estereotipo elencado para o conteúdo humorístico.
- d) Situação (SI): diz respeito ao contexto situacional onde ocorre a piada, englobando todos os aspectos informativos em relação aos locutores, ao ambiente, aos objetos, instrumentos, etc.
- e) Oposição dos scripts (SO): é o que caracteriza o conteúdo da piada como uma formação ambígua.
- f) Mecanismo Lógico (LM): esse mecanismo é responsável pelo modo com que os scripts são interpretados no conteúdo humorístico que, de acordo com Santos (2014), faz conexão entre uma comunicação *bona-fide* para uma *não-bona-fide*.

Costa (2015) explica que Attardo & Raskin (1991) defendiam que existia uma relação hierárquica nesses seis parâmetros. A linguagem seria, neste caso, determinada no processo de produção da piada (também podendo estender-se para a tira), enquanto os scripts seriam determinados antecipadamente – por isso mesmo, a linguagem estaria de um lado e os scripts de outro. Os demais parâmetros seriam elencados no processo de produção do humor, conforme a necessidade, ocupando, portanto, uma posição intermediária.

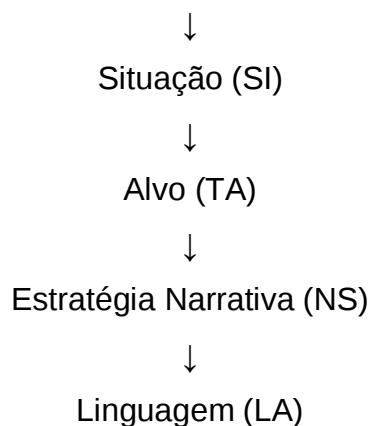
De acordo com Attardo (1994, p. 277, apud SANTOS, 2014, p. 49) a organização hierárquica desses recursos se dá da seguinte maneira:

Oposição de Scripts (SO)



Mecanismo Lógico (LM)

⁸ Ver em Santos (2014) e Costa (2015)



A GTVH nos permite, além da análise de piadas, esboçar ainda uma análise de tiras e memes, utilizando seus princípios para a observação de como o humor toma forma. Atentemo-nos a fotografia a seguir:

Figura 4: Lavagem de dinheiro

Não sei como ficam ricos lavando dinheiro... Eu lavo, lavo e continuo pobre



Fonte: autor desconhecido. Disponível em: <https://www.facebook.com/PobrefazendopobriceOficial/photos/a.494270797369945.1073741828.494270037370021/1615748955222118/?type=3&theater> Acesso em: 18/05/2018.

Se colocarmos essa imagem dentro dos parâmetros da GTVH, teremos a seguinte análise:

- a) Oposição de Scripts (SO): A oposição de scripts pode ser percebida na dualidade de sentido da expressão “lavar dinheiro”, entre literal e figurado.
- b) Mecanismo Lógico (LM): A estratégia do mecanismo lógico se encontra na negociação entre os dois scripts explicitados tanto pelo texto quanto pela imagem, na relação de lavar dinheiro no sentido literal e no sentido figurado;
- c) Situação (SI): A situação é determinada pelo contexto em que a tira está inserida, como o lugar onde o dinheiro está sendo “lavado”, no caso de um contexto concreto e os locais onde ocorrem as práticas econômicas ilícitas, no caso do sentido figurado/contexto mental.
- d) Alvo (TA): O alvo consiste no ato de “lavar dinheiro” como uma prática de enriquecimento ilícito;
- e) Estratégia Narrativa (NS): Uma pessoa tentou lavar (limpar) seu dinheiro (moedas) para que possivelmente pudesse ficar rica com a façanha;
- f) Linguagem (LA): A tira utiliza-se da junção entre imagem e língua escrita, fazendo com que seja possível a identificação de dois scripts.

Dessa maneira, o meme é desmembrado como um constructo de seis parâmetros que podem explicar seu funcionamento, além da engrenagem de muitas outras tiras/piadas. No entanto, pouco discutem sobre a questão pragmática, cognitiva e social presente na interação do autor/leitor diante do texto cômico.

6.2.3 Teoria da Incongruência

Santos e Brunet (2016) explicam que a incongruência é propulsora do elemento surpresa, sendo responsável pela dissonância cognitiva na interpretação do humor, sendo não só um dos principais constituintes da linguagem humorística, bem como o que diferencia este tipo de linguagem dos demais.

Santos (2014) ressalta que a teoria da incongruência se configura como um dos caminhos mais percorridos no que se refere à estudos acerca do humor. O conceito de incongruência tem o intuito de explicar os mecanismos de

cognição e percepção que caracterizam o humor. Contudo, tal conceito não apresenta uma definição clara abordada pelos teóricos, podendo gerar mais de um conceito tanto na percepção de teóricos quanto na de pesquisadores. (p. 36)

A literatura especializada, por exemplo, aborda os estudos do humor de forma mais moderna e tem comumente aceito a proposta de classificação de Victor Raskin (1985) – presente também nos estudos de Santos (2014) – que elenca as teorias do humor em três diferentes famílias, dispostas no quadro 1:

Quadro 1 - Famílias de Teorias do Humor

COGNITIVA	SOCIAL	PSICANALÍTICA
Incongruência	Hostilidade	Liberdade
Contraste	Agressão	Sublimação
	Superioridade	Libertação
	Triunfo	Economia
	Escárnio	
	Desrespeito	

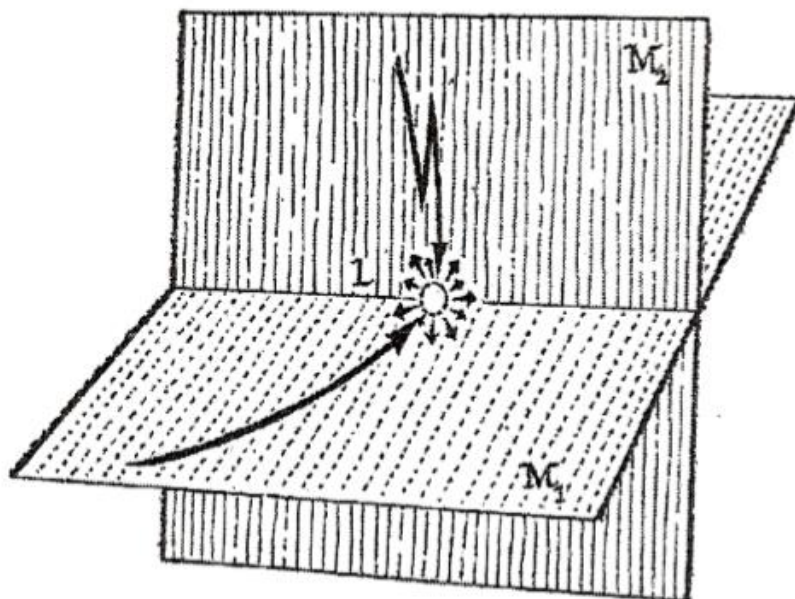
Fonte: ATTARDO, 1994, p. 47 (apud SANTOS, 2014, p. 36)

Esse quadro nos mostra as categorias de humor social, as quais temos conhecimento durante a vida. Também nos mostra, diante dessas categorias, a desvinculação da ideia advinda dos primeiros estudos do humor em que se identificava o riso como fisiológico e o humor como psicológico. Como vimos, o humor e o riso podem ter abordagens cognitivas, sociais ou psicanalíticas.

Se rimos de determinada situação, de acordo com a Teoria da Incongruência, a quebra de relações entre nossa expectativa de acontecimentos e a realidade é o fator chave para se chegar ao riso.

Citado por Santos (2014), Koestler nos ajuda a entender a relação entre interpretação e conceitos que podemos referir à interpretação das tiras abordadas em nosso estudo através do conceito de incongruência apresentado pelo autor, tida como “a percepção de uma situação ou ideia, *L*, em dois planos mais incompatíveis aos frames ou referências, *M1* e *M2*” (apud SANTOS, 2014, p. 38). Observemos na figura 7 esses planos de referência.

Figura 5 – Os dois planos de referência da bissociação

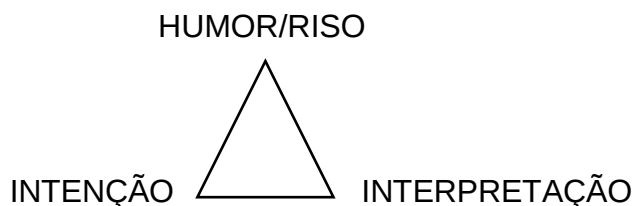


Fonte: KOESTLER, 1964, p.22 (apud SANTOS, 2014, p. 38)

Em outras palavras, Santos e Brunet (2016) afirmam que o plano de bissociação de Koestler ilustra a incongruência: a percepção de uma situação ou ideia – L – em dois planos de representação, que Koestler denomina como *frames*, sendo M_1 e M_2 , mostrando-se incompatíveis entre si.

Na figura 20 existem dois planos distintos de referência que estão independentes do plano que se refere à interpretação de ideias. Existe a necessidade de dissociar o conceito de opinião apresentado (relacionado à intenção do autor da tira) da interpretação do interlocutor (que dará a intensidade do grau de comicidade da tira), já que os indivíduos podem ter opiniões e representações distintas para um mesmo tema, ou seja, a incongruência se comportaria de maneira diferente para indivíduos diferentes.

Figura 6: Plano de raciocínio



Fonte: criação da autora

Não queremos dizer, que estes são os únicos elementos que determinam ou não o sucesso humorístico do tema. Queremos apenas explicar que não é possível dissociar da tira/texto/imagem cômica esses três parâmetros de interpretação, ou seja, a intenção e a interpretação sempre estão disponíveis ao caminho do riso. Por trás do conteúdo cômico sempre há uma intenção, que se liga a interpretação para que, se possível, possam chegar no ponto mais alto, causando um grau elevado de propensão ao riso.

Para Kant (apud SANTOS, 2014) a hipótese da incongruência está atrelada ao riso. Para o autor, o riso é uma afeição que deriva da transformação repentina de uma expectativa tensa em nada. Em outras palavras, a atenção voltada a um evento no mundo é atraída por uma expectativa de transformação desse evento, resultando numa descoberta súbita de que tal expectativa se tornou nada – isto é o que podemos chamar de situação de incongruência.

Kant propõe que o riso é um deleite de um jogo de ideias no qual a noção e interpretação do fato oscila entre a dúvida e o engano, levando a expectativa e o prazer a um plano tanto intelectual quanto físico (SANTOS, 2014, p. 37).

Para Schopenhauer (apud SANTOS, 2014) o riso é a simples “percepção repentina” da incongruência entre o conceito, bem como os reais objetos que foram pensados por meio disso numa mesma relação, e o riso seria apenas a expressão dessa incongruência.

Sendo assim

[...] psicológica e filosoficamente, contudo, o conceito de incongruência parte da dualidade da relação entre percepção e representação do estado das coisas no mundo, mais especificamente da relação entre objetos, conceitos e realidade. (SANTOS, 2014, p. 37)

Na concepção do psicólogo Paul McGhee (apud SANTOS, 2014 p. 39) a incongruência é a relação entre os componentes de um objeto, um evento, uma ideia, uma expectativa social, entre outros. Seguindo esta ideia, a incongruência ocorre quando “o arranjo dos elementos constituintes de um evento é incompatível com o padrão normal da expectativa” (SANTOS, 2014, p. 39).

Santos (2014) aponta que na concepção de Shultz (1976) a incongruência se constitui como um conflito entre o que é esperado e o que ocorre, ou seja, existe a quebra de um protocolo que separa noções de expectativa e realidade, sendo a carência de uma relação racional entre pessoas, ideias ou coisas no mundo.

O autor ressalta ainda que, nos estudos de Balzano (2001), a teoria da incongruência estaria fundamentada na ideia de um mundo intrinsecamente ordenado: quando algo não se enquadra em alguma das formas pré-estabelecidas, nos causa o riso. Considerando o ponto de vista psicossociocognitivo, Santos (2014) explica que a noção de incongruência se refere à abordagem de um comportamento social referente à uma realidade.

6.2.4 Considerações de Bergson: uma reflexão acerca do riso

Acreditamos ser de suma importância, para o nosso estudo, elencar as importantes contribuições de Bergson (2004) sobre o riso. Temos ciência de que outros autores também trazem em suas pesquisas questões igualmente importantes, porém, para nosso estudo, as palavras de Bergson nos ajudam a relacionar conceitos-chave para entender o que está por trás da discrepância entre os raciocínios em relação a um mesmo conteúdo de humor, esboçando uma relação entre a emoção e o riso, dando pistas sobre a importância da interpretação e do raciocínio na busca de sentido e significado do humor.

Bergson nos alerta para o fato de que “não há comicidade fora daquilo que é humano” (BERGSON, 2004, p. 2). Para ele, o riso é feito para humilhar, vive da humilhação. Aquilo que é diferente ou que não faz parte do nosso eu/do eu de quem está próximo de nós, não causará emoção e, portanto, terá um bom potencial para o riso. É como se o riso fosse uma espécie de correção da sociedade, de tudo aquilo que está em desacordo com nossas realidades.

Para o autor, quando rimos de um objeto ou animal, é porque designamos a ele atividades, características ou expressões humanas. Isso é claramente perceptível quando analisamos as tiras que encontramos na internet. Vejamos esse exemplo:

Figura 7: Expectativa x realidade

"quais seus planos pras férias?"
expectativa / realidade



Fonte: Autor desconhecido. Disponível em: < <https://pics.onsizzle.com/quais-seus-planos-pras-f%C3%A9rias-expectativa-realidade-9969029.png>>. Acesso em 12/04/2018.

Nessa imagem, podemos ver que o gatilho do humor encontrado está na surpresa de um animal (cachorro) estar representando uma atividade humana (de lavar a louça), tornando-se risível pela semelhança com o homem. Isso acontece também com objetos inanimados que, para uma ressignificação humorística, ganham características humanas, tal qual “A rede social”:

Figura 8: Rede Social



Fonte: Autor desconhecido. 06 de janeiro de 2018. Disponível em: <
<https://www.facebook.com/ETBrisado/photos/a.1917096148565228.1073741833.1616663205216166/2065765937031581/?type=3&theater>>. Acesso em: 03/02/2018.

Uma rede combinada com vestes sociais masculinas foi utilizada como um meio de causar humor porque o cômico vem da imaginação humana, na movimentação do raciocínio do autor e do leitor, ou seja, de uma combinação criativa entre coisas e pessoas. Nas palavras de Bergson o riso se dirige à inteligência pura.

O fato de o humor sempre estar em contato com outras inteligências, o faz também passar pela inteligência emocional. É aí que encontramos, de certa forma, o freio do riso, já que de acordo com o filósofo, a insensibilidade acompanha o riso. “A indiferença é seu meio natural. O riso não tem maior inimigo que a emoção” (BERGSON, 2004, p. 3). Concordamos parcialmente com essa afirmação. Não existe interpretação sem emoção, portanto, podemos afirmar que o riso não tem maior inimigo que as emoções negativas que geram um desconforto.

Neste momento, o leitor passa a raciocinar sobre a proposta humorística e determina se o resultado será o riso, a reflexão etc. Também somos capazes de rir de alguém que nos inspire piedade ou afeição: podemos, naquele momento, calar nossa empatia por alguns instantes que então o riso será uma possibilidade.

Existe uma consciência social que nos cobra para que estejamos atentos a tudo aquilo que convencionalmente não pode ser engraçado. Quando há uma

fuga desses parâmetros, quer dizer que nossa emoção e empatia guiará a propensão ao riso.

Isso nos mostra que apesar de não notarmos, o riso é resultado de um raciocínio, podendo ser espontâneo, mas não inconsciente – a não ser que sua causa esteja atrelada a algum tipo de entorpecente. Temos consciência daquilo que estamos rindo, porque antes do riso fazemos inferências em busca do significado.

Uma informação importante elencada por Bergson é a de que não poderíamos saborear da comicidade se nos sentíssemos ou estivéssemos de fato isolados das pessoas, das coisas ou da linguagem, porque o riso precisa de eco, precisa de raciocínio. Muitas vezes, o riso é utilizado como forma de comunicação e interação entre os locutores.

Por isso mesmo, em alguns tipos de humor o riso acaba por fazer um trabalho de padronização: ninguém quer ser ridicularizado ou humilhado pelo riso do outro, e isso faz com que mantenhamos semelhanças e distanciamentos de outros costumes ou opiniões. “Rompemos com as conveniências assim como há pouco rompíamos com a lógica. Enfim, assumimos ares de quem está brincando” (BERGSON, 2004, p. 145). Em muitos shows de humor denominados *stand-up's*, por exemplo, é comum entre os humoristas que os assuntos se acerquem da ridicularização de mulheres, homossexuais ou grupo social.

Existem também acontecimentos que provocam o riso para determinado grupo justamente porque é resultado de sua convivência. A comicidade nasceria então da compatibilidade de informações, da reunião de um grupo que poderá calar sua sensibilidade diante de determinadas situações, trabalhando apenas com outras inteligências, de tudo aquilo que nos parece involuntário, que foge do curso normal das coisas.

Um homem correndo pela rua, tropeça e cai: os transeuntes riem. Não ririam dele, acredito, se fosse possível supor que de repente lhe deu na veneta de sentar-se no chão. Riem porque ele sentou no chão involuntariamente. Portanto, não é sua mudança brusca de atitude que provoca o riso, é o que há de involuntário na mudança, é o mau jeito (BERGSON, 2004, p. 7)

A maioria dos conteúdos cômicos se produzem por meio da linguagem. O mais interessante é que, até mesmo a linguagem e a mescla de significados fonéticos e gramaticais podem ser um bom alvo para resultar no riso.

É necessário que o leitor complete o conteúdo de humor tanto no nível linguístico quanto imagético, associando a palavra ao seu valor fonético e estabelecendo um contexto específico, tornando assim o gatilho do humor como algo que só foi possível devido ao pertencimento em determinada esfera social.

Mais uma vez temos explicita a noção de que o humor é social: na maioria das vezes, é preciso que compartilhemos contextos, gostos, costumes, crenças, conceitos etc. No entanto, também existe a possibilidade de que o convite para rir não faça sentido ou se torne um desconforto ou algo indiferente para o nosso raciocínio.

6.2.5 A abordagem de Santos: um novo olhar sobre os estudos do humor

Diante dos estudos do humor, temos o resultado de pesquisa que sem dúvidas é um marco para essa área. Santos dedicou seus estudos às indagações cotidianas e acadêmicas em relação a esta linha que é muito pouco explorada em nosso país: o humor e a piada. Sua mais importante contribuição foi a maneira com que podemos refletir sobre o humor, bem como entender suas faces.

Em sua tese, Santos (2009) dedicou-se a analisar e explicar – com sucesso – os fenômenos da piada, sob o viés da pragmática cognitiva. A partir daí, temos um ganho muito significativo para os estudos do humor, visto que o pragmaticista nos explica sobre as implicações não só do conteúdo das piadas, como também aborda aceções dos ouvintes por meio da análise da interpretação e da percepção da incongruência que, segundo o autor, é responsável pelo efeito humorístico.

Outra contribuição da pesquisa do autor é a ideia de que a interpretação depende da inferência, tanto com relação ao seu conteúdo semântico quanto ao seu conteúdo pragmático, chegando ao significado da piada bem como ao efeito humorístico através da resolução das suas peripécias, quando identificadas pelo ouvinte da piada. Santos inova nos estudos do humor, utilizando uma teoria da comunicação de Sperber e Wilson, a Teoria da Relevância.

Tal teoria lhe permitiu observar a interpretação de enunciados na comunicação humana e moldar tais conceitos à interpretação humorística da

piada. Mesmo mostrando-se como uma contribuição importante, Santos explicita as limitações da teoria, que não aborda aspectos culturais da interpretação de enunciados, mantendo uma abordagem estritamente racional e um tanto enrijecida.

Com isso, fez luzir a necessidade de considerar não só as relações entre o texto de humor e o leitor, mas também as intenções do autor e a interpretação/resolução da incongruência por parte do ouvinte. Por isso mesmo, em sua pesquisa, as questões externas ao ato de comunicação em que se conta uma piada, como por exemplo os costumes, crenças, valores, convenções etc.; são tão importantes tanto para a comicidade quanto para o resultado interpretativo do ouvinte diante da piada.

Tais aspirações deram origem ao livro intitulado “O Enigma da Piada”, que engloba uma detalhada abordagem das teorias do humor, bem como aprimora as noções de qual é o papel do leitor e do ouvinte na resolução da incongruência. Para o autor, especificamente com relação à linguística cognitiva, o conceito de humor relaciona-se intrinsecamente ao de processamento cognitivo da linguagem, abordagem utilizada para a análise das piadas em seu livro.

Além de uma abordagem pragmática e cognitiva que leva em conta aspectos culturais na interpretação da piada (que em nossa pesquisa, estendemos para a análise da interpretação das tiras e memes da internet), outra noção muito importante desenvolvida por Santos (2017) é sua contribuição para o aprimoramento da Teoria da Relevância, a partir do desenvolvimento do conceito que o autor intitula de “Relevância Afetiva” e “Relevância informativa”⁹.

Nas próximas seções, bem como nas seções anteriores, utilizamos as propostas do autor como o aporte teórico central para o desenvolvimento de nossas análises, pois estas, bem como o desenvolvimento da Relevância Afetiva e da Relevância informativa, foi o pontapé inicial para desenvolvermos um estudo sobre a complexidade do raciocínio do humor tomando as tiras e memes como objeto, além de mostrar aos leitores dessa pesquisa que, considerando

⁹ Santos desenvolve tais conceitos para discutir sobre o papel das emoções na interpretação de enunciados comuns. Em nossa pesquisa, estendemos tais conceitos para a explicação da interpretação de tiras e memes da internet. A explicação detalhada de sua análise está na seção 8.4 deste trabalho.

essa complexidade, o contato com o humor pode ser um importante aliado no desenvolvimento do raciocínio.

7. O HUMOR E A PRAGMÁTICA-COGNITIVA

Elencamos algumas das mais importantes teorias do humor importantíssimas para o tema. Ainda assim, notamos que não há menção sobre as questões externas (tais como contextos, comportamentos, crenças, raciocínio, etc.) que influenciam tanto na interpretação quanto na criação do humor. Além do elemento surpresa que as teorias nos mostram, como uma importante ferramenta de causar humor e possivelmente o riso, a propriedade interpretativa também se origina de questões relacionadas às informações previamente armazenadas na mente do indivíduo, de acordo com suas experiências de mundo.

Tal como mencionado, a partir dos estudos de Bergson já notamos uma teoria que inclui a emoção e as relações sociais como parte da construção e recepção humorística. Isso explica o porquê de, assim como Santos (2014), também adotarmos uma teoria da comunicação – e não uma teoria do humor propriamente dita – para nossas análises: as teorias tradicionais do humor estão pautadas numa questão mais estrutural, do gatilho/do estímulo cômico. O humor, além de comunicar, também promove a comunicação.

No entanto, nos interessa mostrar o quão complexo é o raciocínio humorístico, além do quanto as emoções, o conhecimento prévio e os vários encaixes sociais do humor (que não só de trazer o riso) podem influenciar, revelar e perpetuar comportamentos de nossa sociedade. Com isso, reafirmaremos que o estudo a partir do humor em qualquer esfera acadêmica tem contribuições muito importantes, juntando o desenvolvimento do raciocínio, o divertimento ou a reflexão.

A prova disso é que, na interpretação pragmático-cognitiva do humor, o contexto, as informações prévias e as novas informações propostas são acessadas para chegar ao significado. Mostraremos, na sequência, como as questões externas ao fato de ser ou não humor ou ser ou não engraçado e comprovar que a comicidade não é algo trivial, podendo influenciar no resultado da interpretação bem como na visão de mundo dos leitores ou ouvintes.

Quando falamos em análise de interpretação, seja ela em qualquer segmento, não há como ignorar o valor pragmático dos enunciados. De acordo com Sperber e Wilson (2001) os estudos das representações semânticas das

frases pertence à gramática, enquanto que à pragmática pertencem os estudos das interpretações das elocuções¹⁰ (p. 37).

As informações presentes na estrutura semântica de uma frase são insuficientes para determinar as questões não linguísticas que estão envolvidas numa elocução. Por isso mesmo, de acordo com os autores, é necessário que haja uma interação entre a estrutura gramatical e o pensamento, para desfazer os nós entre o significado da frase e a interpretação – considerando que uma mesma frase pode carregar mais de uma elocução possível. No humor, além da estrutura gramatical e do pensamento, muitas vezes também necessitamos alinharmo-nos à estrutura imagética.

“As elocuções não são utilizadas somente para transmitirem pensamentos, mas para revelarem a atitude da pessoa falante, ou sua relação para com o pensamento expresso” (SPERBER; WILSON, 2001, p.39). É nesse sentido que aproximamos o humor do riso: através das elocuções, o humor e o riso não transmitem somente um pensamento exposto pela interação entre o linguístico e o não linguístico, mas revelam a atitude do leitor e sua relação com o pensamento exposto.

Em outras palavras, o riso parece ser um ato comunicativo baseado na relação do indivíduo com o mundo, seja numa relação permanente ou temporária. Na grande maioria das vezes, existe uma forte probabilidade de que um cristão não rirá de um conteúdo humorístico que esteja relacionado à sua religião, um vegano não rirá de algo relacionado com a incitação do consumo de carne, uma pessoa que está de luto não rirá de uma piada sobre morte.

Outra razão pela qual a interpretação humorística se assemelha muito com a interpretação das elocuções na comunicação é que

[...] os locutores estabelecem para si próprios certos padrões de verdade, de valor informativo, de inteligibilidade, e assim por diante, e a de que só tentam comunicar a informação que vai ao encontro desses padrões estabelecidos (SPERBER; WILSON, 2001, p. 43)

De acordo com nossa pesquisa, afirmamos que isso se reflete tanto na criação do conteúdo humorístico quanto na recepção/interpretação dele. Os

¹⁰ Uma elocução seria “uma representação fonética de uma única frase (ou de duas frases no caso de haver uma ambiguidade fonética)” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 36).

padrões de comportamento, pensamento e verdade são os responsáveis pelo “bloqueio” do riso no momento da interpretação: da mesma forma que o indivíduo só comunica as informações relacionadas a esses padrões, ele organiza sua propensão ao riso por meio deles.

Feitas tais considerações, é importante lembrar que para a leitura de qualquer texto escrito, falado ou ilustrado, assim como no processo de interpretação durante a comunicação entre os indivíduos, é necessário estar atento àquilo que o texto ou o falante quer dizer. A cada leitura, em concordância com a identificação do significado, cada um de nós terá como resultado um sentido, que anteriormente envolveu alguns estágios de compreensão.

O processo mental que nos leva ao significado é a inferência, que dará como resultado a interpretação de forma concreta, com relação ao conteúdo textual. Neste estudo, tentamos resumir o processo de interpretação inicialmente em quatro estágios¹¹. Não se trata de uma maneira inflexível que determina referentes de raciocínio do leitor, mas sim alguns pontos-chave pelos quais o leitor perpassa durante uma interpretação, que não tem uma ordem específica.

Para esclarecer melhor nossa intenção, salientamos que estes estágios podem sofrer variações no raciocínio inferencial de cada leitor. Ainda assim, são de extrema importância para que entendamos o processo de interpretação com vários estágios que ocorrem de forma extremamente rápida¹²:

Identificação do gênero textual: Ainda que o leitor não tenha um conhecimento específico sobre os gêneros textuais, pode tranquilamente identificar que se trata de uma tirinha ou meme e, portanto, o texto (provavelmente) é humorístico ou pretende revelar alguma reflexão implícita ou explícita, mesmo o leitor não considerando o texto engraçado ou não concorde com aquilo que foi mencionado.

Assimilação do assunto abordado: Neste momento, o leitor identifica o assunto ao qual se refere. Os assuntos são majoritariamente relacionados a questões sociais, que tem relação com a vida ou cotidiano dos seres humanos,

¹¹ É possível encontrar um quadro mais completo e detalhado em Santos (2014, p. 129).

¹² Estes estágios estão voltados para a observação do processo inferencial do texto cômico e imagético (tirinhas e memes), o qual é objeto do nosso estudo; portanto, inicialmente não estendemos estes estágios para a inferência a ser realizada na leitura de outros gêneros textuais.

podendo variar entre política, religião, gostos, costumes, orientação sexual, trabalho, família, animais, vida social etc. A partir daí, teremos os conceitos contextuais¹³ que são alcançados no processamento da situação.

Supomos que, formalmente, cada conceito é constituído por uma etiqueta, ou endereço, que desempenha duas funções complementares e diferentes. Em primeiro lugar, aparece como um endereço na memória, um título sob o qual podem ser armazenados e recuperados vários tipos de informação. Em segundo lugar, pode aparecer como constituinte de uma forma lógica, na presença da qual podem ser sensíveis a regra de dedução. Essas funções são complementares no sentido seguinte: quando o endereço de um certo conceito aparece numa forma lógica que se encontra a ser processada, é dado acesso a vários tipos de informação armazenados dentro da memória nesse endereço. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 144)

Se por exemplo, o conteúdo da tira/cartum/piada/meme for algo relacionado a animais, o indivíduo irá buscar no devido endereço desse conceito todas as informações que lhe forem necessárias, para que possa extrair todo o sentido e o significado proposto pelo autor e, possivelmente rir daquele conteúdo.

Processamento mental: Assim como na compreensão verbal, a dualidade de interpretação das tirinhas nos permite dizer que se trata de uma compreensão não-demonstrativa. É neste processamento que o leitor ativa sua compreensão inferencial, que apresenta interferências do nosso conhecimento de mundo, que vai levá-lo a determinada compreensão. Nesse sentido, para a efetivação da interpretação, ativaremos nossos pré-conhecimentos para que possamos fazer um juízo acerca do grau de relevância da tirinha, sendo ela informativa ou emotiva.

Atribuição de Relevância: O leitor fará a assimilação do assunto (que será decisivo para chegar ao riso) por meio da atribuição de relevância ao conteúdo abordado pela tirinha. Prestará atenção apenas nos estímulos¹⁴ que lhe

¹³ Os conceitos contextuais se referem a todos os valores e ao conhecimento de mundo que o leitor ativa durante sua inferência, que vão interferir diretamente no riso ou no desconforto perante o texto lido.

¹⁴ Os estímulos a que nos referimos são as pistas textuais para que o leitor possa chegar ao riso: o gênero textual, o conteúdo, a figura de Deus em situações cômicas, o meio de circulação em que o texto está inserido (um blog de humor) etc.

parecerem importantes, buscando a relevância máxima daquela informação, desencadeando um resultado inferencial no texto/imagem.

Agora que chegamos à relevância, conceito-chave para a interpretação humorística, explicaremos este conceito de forma mais detalhada, levando em conta algumas noções trazidas por Sperber e Wilson que estão explicitamente presentes no processo interpretativo que ocorre na mente do indivíduo.

7.1 A INFERÊNCIA

Nos estudos pragmáticos que se preocupam com a linguagem atrelada ao usuário, existe um conceito importante utilizado para pesquisas de diferentes eixos, pois se refere ao comportamento do raciocínio do indivíduo que trabalha de forma constante em todas as áreas da linguagem. A inferência, de maneira geral, é o raciocínio que fazemos durante o processamento mental de informações para que possamos chegar à interpretação dos significados.

Esse raciocínio não está ligado necessariamente ao certo ou errado, no caso de interpretações diferentes para um mesmo conteúdo. Cada indivíduo é uno e no momento do processo de pensamento, ele ativa diversas outras informações que estão ligadas ao seu conhecimento de mundo. Para cada opinião ou pensamento que concluímos, há uma razão anterior para que ele seja X e não Y, por exemplo.

Nas palavras de Oliveira e Basso (2014) as inferências pragmáticas são um tipo específico de raciocínio que nos permite movimentar conteúdos e significados de modo muito rápido e eficiente. A inferência assinala uma nova abordagem nos estudos linguísticos, diferente daquilo que se acreditava na abordagem semiótica.

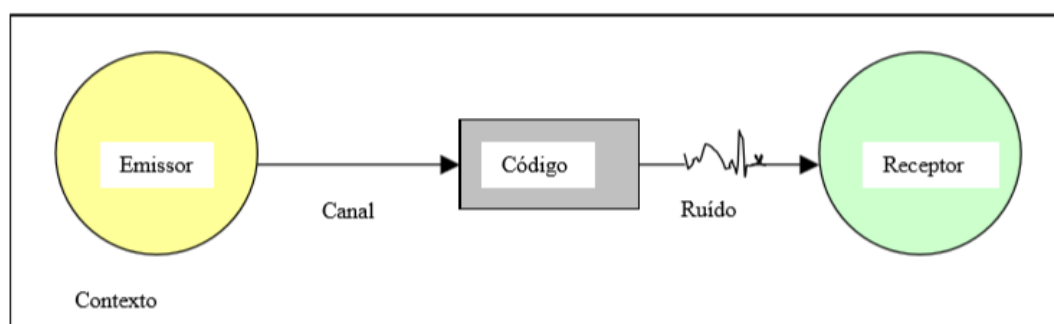
Wilson (2001, p. 8) explica que de acordo com o modelo semiótico, a comunicação comporta um conjunto de sinais e um conjunto de mensagens, juntamente com um código que faz relação entre eles. Nas palavras de Sperber e Wilson (2001), a compreensão nesse modelo se daria através da decodificação mecânica, sem que houvesse a necessidade do uso da inteligência.

Mas, se pensarmos nas diversas formas de comunicação ou raciocínio, como no caso da interpretação das tiras, não há nenhum tipo de “envio e

entrega” de mensagens que posteriormente serão decodificadas, pois só este processo seria insuficiente.

Para entendermos um pouco mais das teorias inferenciais, precisamos saber sobre seus antecedentes. De acordo com Santos (2009), os estudos pragmáticos relacionados à comunicação humana, em linhas gerais, se fundamentam em duas propostas: na teoria de códigos e na teoria inferencial. A primeira é adotada da engenharia, proposta por Shannon e Weaver (1949) e adaptada à comunicação humana por Jakobson (1961). Nesta teoria, “em um contexto, um emissor, através de um canal, mesmo com algum nível de ruído, mediante um código, transmite uma mensagem a um receptor” (SANTOS, 2009, p. 63). Observemos a representação desse conceito na figura a seguir:

Figura 9: Modelo da comunicação segundo Jakobson/Shannon e Weaver



Fonte: Santos (2009, p. 63)

Neste modelo, temos na comunicação uma relação de codificação e decodificação de mensagens entre interlocutores que compartilham um mesmo contexto, fazendo com que o significado seja simplesmente enviado e recebido da forma mais fiel possível, como se fosse uma tradução do código enviado pelo locutor.

Nas palavras de Santos (2009) ainda que saibamos dos problemas de uma teoria de relação entre linguagem e código, o modelo adaptado nos traz interessantes questões no que se refere à comunicação linguística, as quais citamos:

- i) empregar um código (linguístico);
- ii) acontecer entre no mínimo dois indivíduos;
- iii) ocorrer mediante a transmissão e recepção de mensagens. (p. 64)

Ainda assim, compartilhar um contexto não é o suficiente para que os interlocutores compartilhem o mesmo significado. De acordo com uma interpretação contextualizada, os leitores/falantes interpretam o discurso de maneiras diferentes, apesar de compartilharem de um contexto semelhante e saber da intenção inicial do indivíduo que projeta o discurso.

A saber, Sperber e Wilson mencionam que a pragmática moderna se inicia a partir dos estudos do filósofo Herbert Paul Grice, que propõe um modelo de comunicação inferencial que consistiu em quatro máximas conversacionais, sendo uma delas (a máxima da relação – relevância) desenvolvida por Sperber e Wilson.

Para Sperber e Wilson, “o que distingue o modelo de código do modelo inferencial proposto por Grice é estabelecimento de uma propriedade psicocognitiva mínima que permite determinar que duas pessoas se comunicam: a intenção” (SANTOS, 2009, p. 63). De acordo com Santos (*op cit*) para que haja uma comunicação efetiva, é preciso que se estabeleça duas características à intenção: que ela seja explícita, e que seja reconhecida pelos interlocutores. Isso auxiliara o comunicador a provar ao destinatário que o discurso é suficientemente relevante para ser processado.

Na comunicação muitas vezes a intenção não se relaciona a uma sincronização de raciocínio entre intenção do locutor e interpretação do interlocutor, pois a intenção não pode ser decodificada, e sim inferida. Wilson (2001) explica que, de acordo com o modelo inferencial de Grice, quando o comunicador reconhece que há uma informação a ser compartilhada/transmitida, essa intenção é inferida pelo interlocutor, e não decodificada.

No caso da comunicação inferencial, a inferência foi bem-sucedida se

a pessoa que comunica fornece alguma evidência sobre a sua intenção de transmitir um certo pensamento, e o receptor infere essa intenção a partir da evidência fornecida (WILSON, 2001, p. 9)

A comunicação não está presente apenas nos atos de fala, mas nos mais variados meios de comunicação. Inferir significa raciocinar em busca de um significado, através da evidência de informações anteriormente dispostas. Nossa mente geralmente já está preparada para buscar o significado da informação de

acordo com os conceitos que estão previamente armazenados em nossa memória. “Um *processo inferencial* começa a partir de um conjunto de premissas e resulta num conjunto de conclusões que se seguem logicamente das premissas ou que são, pelo menos, legitimadas por elas” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 41)

Os conceitos que temos no mundo, considerados por Hardy-Valée (2013) como instancias de categorização¹⁵, aprendizagem, memorização etc., nos revelam o mundo. De acordo com o autor, essa categorização nos permite fazer inferências, já que quando possuímos um conceito, é porque anteriormente estivemos em contato com exemplos ou combinações de conceitos elementares.

Se a circunstância de raciocínio é uma piada/tirinha de humor ou um meme, a mente já se prepara para ouvir ou ler uma pequena história que apesar de em alguns casos imitar a realidade, não é necessariamente real. Portanto, no presente tópico, achamos por bem delimitar que a inferência é de extrema importância para discutirmos o real significado do riso e do não riso, já que sem ela não podemos chegar a qualquer sentido ou significado que possa estar implícito ou explícito nas tiras de humor. Em outras palavras, nosso raciocínio diante de um conteúdo cômico ocorre, de maneira geral, através da inferência.

Nos estudos de Hardy-Valée (op cit) a noção de inferência é estabelecida como transições de uma ideia ou de uma representação para outra de acordo com determinada regra, e que os conceitos intervêm, justamente, por ocasião de inferências. O autor determina três tipos de inferência: a dedução, a abdução e a indução. A dedução se refere a um tipo de raciocínio mais direto, e as induções e abduções permitem modificar conhecimentos ou ainda adquirir novos. Explanaremos brevemente o que o autor explica sobre esses três tipos de raciocínio inferencial:

- A) Dedução: Caracteriza-se como a aplicação de determinados conhecimentos a uma situação, para que a partir dela seja possível tirar conclusões formalmente, como num *modus ponens*. Em suma, é a simples aplicação do conhecimento, sem modificações. O conceito de

¹⁵ De acordo com o autor, a categorização “é o ato de identificar uma coisa (objeto, propriedade, indivíduo, situação) como um membro de uma categoria simples ou complexa” (HARDY-VALÉE, 2013, p. 101).

carnívoro, segundo o autor, aplica-se quando vemos um leão e deduzimos que este é carnívoro porque todos os leões o são.

- B) **Abdução:** O termo, proveniente de Peirce (1839-1914), diz respeito a uma inferência que a partir de um caso, encontra uma regra. Oliveira e Basso (2014) explicam que o raciocínio abductivo é aquele que se pauta nas situações comuns, no que ocorre normalmente, aceita exceções e pode ser cancelável. O raciocínio segue a seguinte fórmula¹⁶:

Se A causa B

↓

B

↓

Então A

Se vemos um carro molhado, por exemplo, podemos inferir que tenha chovido em algum local por onde ele tenha passado. No entanto, existem outras maneiras de fazer com que o carro fique molhado – esse raciocínio, portanto, é cancelável. O raciocínio A não se repete na conclusão final, mas ele está implícito, tornando o raciocínio possível.

Se chover molha o carro

↓

O carro está molhado

↓

Choveu no local por onde o carro passou

- C) **Indução:** Hardy-Valée explica que a indução é uma inferência que passa do particular para o universal. O autor salienta que podemos considerar a indução como a generalização de uma implicação (se a, então b) a partir de algumas instancias. O exemplo citado é o de que depois de ter visto

¹⁶ Ver em Oliveira e Basso (2014, p. 20)

diversos automóveis que têm quatro rodas, pode ser que o indivíduo tenha generalizado essa característica a todos os automóveis.

Na interpretação de um conteúdo de humor, o processo inferencial se mostra como a principal ferramenta na identificação de conteúdo que o indivíduo julga ser humorístico ou não. Quando uma imagem se torna um meme, por exemplo, o raciocínio volta-se para a inferência dedutiva de que a imagem que ele está em contato naquele momento é realmente voltada para o humor (ainda que o sujeito não ache engraçado). Quando o leitor vê a reprodução de uma imagem com um personagem que se repete várias vezes ele deduz, com base em suas experiências anteriores que aquilo é um meme e possivelmente uma tentativa de causar o riso.

A partir da inferência dedutiva, o leitor identifica – com base no seu cálculo pragmático-inferencial – aquilo que é prudente dentro do universo do humor e aquilo que não deveria fazer parte dele. Podemos citar como exemplos conteúdos racistas, machistas, homofóbicos ou de intolerância religiosa, colocados na esfera humorística. O leitor pode inferir dedutivamente que, se esses conteúdos não devem ser usados para o divertimento, então não há possibilidade de rir, no seu processamento individual.

7.2 O CONTEXTO

Para que possamos entender como opera o raciocínio pragmático do leitor no momento da interpretação da tira, explicaremos algumas hipóteses presentes na Teoria da Relevância, de modo a enriquecer nossos argumentos. Sobre a definição do contexto, Sperber e Wilson explicam que este é um conjunto de premissas utilizado na interpretação de uma elocução. No caso da interpretação da tira, o contexto também se mostra como um fator essencial, considerando que um contexto “é uma construção psicológica formada por um subconjunto das suposições que o ouvinte tem do mundo” (2001, p. 45). Ainda nas palavras dos autores, são essas suposições que afetam a interpretação, e não o estado real do mundo.

Não é difícil notar que o contexto é peça-chave para que a interpretação das tiras possa ser realizada pelo leitor sem grandes problemas. Em outras

palavras, o contexto é um dos elementos mais importantes no processo interpretativo de qualquer texto falado ou escrito, podendo ser determinante na criação de hipóteses de significados durante a interação entre um locutor e um interlocutor.

De acordo com Santos (2014), com a evolução dos estudos pragmáticos, o contexto passou a ter um papel de destaque nos estudos de língua e linguagem. Ainda de acordo com o autor, o contexto foi tradicionalmente revelado como um fenômeno variável que apresenta uma relação íntima com a dêixis, sendo visto a partir de uma relação entre a enunciação e encadeamento das ideias envolvidas na interpretação de um enunciado.

Para Dascal (apud SANTOS, 2014), em uma versão ampliada, o contexto consiste em fornecer valores para preenchimento dos espaços em branco ou em variáveis livres que podem ser encontradas no significado da sentença.

Nessa perspectiva, pode-se restringir um número limitado de tipos de dados correspondentes aos tipos de variáveis livres representados pela relação sintática e semântica de uma língua, envolvendo além dos valores dêíticos, uma série de conjuntos e objetos contextuais necessários para a interpretação. É justamente essa função que fornece pistas para o interlocutor formular uma hipótese de significação e tem sua aceitabilidade avaliada através da informação contextual.

Santos (2014) apresenta a distinção do contexto em dois aspectos, na perspectiva teórica de Dascal, sendo o *metalinguístico* e o *extralinguístico*. No caso do contexto metalinguístico, além do texto e discurso no qual a elocução se insere, temos as informações linguísticas (língua e dialeto do falante), o gênero discursivo, as normas de comunicação empregadas, etc. Já o extralinguístico inclui informações sobre o universo de referência, o conhecimento de mundo e de crenças compartilhadas entre os interlocutores, bem como seus hábitos idiossincráticos, as circunstâncias da enunciação etc.

Para a interpretação das tirinhas e memes, os dois conceitos (tanto o extralinguístico como o metalinguístico) são importantes e determinantes para o tipo de hipótese que será formulada pelo leitor. Das inúmeras hipóteses possíveis para cada tirinha e meme, o raciocínio através do contexto resultará possivelmente no riso, desconforto, neutralidade, reflexão, debate e/ou ressignificação de conceitos.

Ekbja e Maguitman (apud SANTOS, 2014) apontam que o contexto e a relevância formam parte de um mesmo e único processo de significação. Essa hipótese apoia-se no conceito de Dewey, que constitui o contexto em dois componentes, sendo eles o conhecimento de mundo e o interesse seletivo.

O conhecimento de mundo se refere a apenas uma parte do contexto, pois depende do espaço e do tempo, que se constituem como aspectos essenciais à emergência do pensamento. De acordo com o autor, o aspecto espacial se refere à contemporaneidade dos acontecimentos para o indivíduo; já o aspecto temporal é intelectual (remetente ao conhecimento sociocultural e científico) e existencial (remetente à figura do referente) concomitantemente.

O conceito de interesse seletivo de Dewey (ver em SANTOS 2014, p. 83) se refere à situação em que um evento ocorre, o qual se relaciona com a noção de relevância situacional. Neste caso, é a relevância situacional

[...] que faz a ligação entre o conceito (um conhecimento do indivíduo) ao significado (uma ideia emergente da situação objetiva ou subjetiva), cada vez que estes aparecem em situação de ambiguidade, confusão ou conflito. Nessa acepção, a relevância determina a atribuição do significado, existencial e seletivo, ao referente. (SANTOS, 2014, p. 83)

No caso da leitura das tirinhas e memes temos a relação de mais de um conceito a ser processado pelo raciocínio individual do leitor. O primeiro conceito se refere ao tipo de texto (tirinha, de intenção cômica) e o conceito do conteúdo adotado pelo leitor (religião/relacionamento pessoal/política etc.). Se tal conceito for tomado com mais rigidez pelo leitor, este certamente vai ignorar a relação cômica que existe em relação ao gênero textual.

Para Santos (2014), ainda que o contexto é uma abstração, também se caracteriza como um componente discursivo que catalisa não só informações circunstanciais, mas agrega elementos próprios da interação conversacional, como desejos e intenções dos interlocutores. De acordo com o autor, o contexto é a convergência entre linguagem humana e elementos que circundam a interação entre locutores (sons, imagens, cheiros, sabores, sensações, emoções, lugares, etc.) que somados aos saberes e crenças socioculturais lidera os movimentos conversacionais, possibilitando assim a interpretação humana.

Já no nível humorístico, o contexto pode ser pensado como

[...] o ambiente abstrato, dinâmico, comum, mas não idêntico, a dois ou mais interlocutores, de acordo com as contingências circunstanciais, orienta, restringe, ou amplia a linguagem humana na tomada de decisões, enriquecendo ou saturando com informações linguísticas e não linguísticas relevantes à produção e à interpretação de significados humorísticos comunicados e inferidos conversacionalmente pelos interlocutores. (SANTOS, 2014, p. 85)

Se um contexto é comum, mas não idêntico aos indivíduos, fica claro que num mesmo contexto de interação possam sair interpretações completamente distintas, justamente porque o contexto comum é concebido de maneiras diferentes e individuais. Em suma,

[...] é por meio do contexto sociodiscursivo da tira que os desenhistas interagem com os leitores/observadores por meio da linguagem verbal e pictórica, negociando significados humorísticos, dado que esse contexto possibilita representar verbal e visualmente a percepção e representação de acontecimentos, fatos, eventos e ideias, reais ou fictícios, objetivos ou subjetivos, que os indivíduos fazem e constroem do mundo, ou de um mundo possível. (SANTOS, 2015, p. 185)

O contexto faz parte da situação e da realidade individual de cada um, faz parte da sua categorização no mundo, sendo determinante para a representação e reelaboração da realidade. Santos (2014) aponta que, para o humor, o contexto seria a realização efetiva da linguagem, para representar a percepção de coisas reais ou imaginárias.

Para explicar melhor o acesso ao contexto na interpretação, observemos a tirinha a seguir:

Figura 10: Choque de Religiões¹⁷



Fonte: RUAS, Carlos. 1519. **Um Sábado Qualquer**, 14 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.umsabadoqualquer.com/1519-choque-de-religoes/>. Acesso em: 22 de julho de 2016.

Neste momento, vamos nos remeter apenas aos contextos abordados na tirinha acima. O primeiro contexto mais explícito é a circunstância comum em que um indivíduo utiliza a oração como um meio propulsor de sucesso na vida pessoal/social. Nesse caso, cada indivíduo ora para que seu Deus o ajude a passar na prova em questão, através de seus poderes divinos.

¹⁷ Salientamos que nosso único objetivo nessa tira é analisar sua situação dentro de um contexto específico, deixando de lado – para fins desta seção – questões externas sobre eventuais implicações racistas e/ou estereótipos que podem ser identificadas pelo leitor.

Outro contexto a ser acessado é o da permanência de mais de uma religião nas crenças dos indivíduos, sendo representadas, nesse momento, pelo Deus cristão/ocidental e por um dos deuses do candomblé, o Oxalá.

Outro fator que chama a atenção nesta tirinha é a disputa, percebida na representação dos dois Deuses de diferentes religiões. Podemos interpretar este fato numa situação contextualizada, já que é comum o sujeito considerar a sua crença melhor/mais forte/mais correta que a do outro.

A junção desses contextos utilizados pelo autor está dentro de um contexto social mais amplo e foi englobado no contexto da tirinha, formando uma reinterpretação da realidade. Sperber e Wilson (1995) explicam que cada contexto “contém um ou mais contextos menores e cada contexto (...) está contido em um ou mais contextos maiores (...)” (apud RAUEN, 2005, p. 38).

7.3 O PAPEL DOS CONCEITOS

Durante nossa pesquisa, concluímos que os conceitos armazenados na mente do indivíduo têm influência direta na sua propensão ao riso/desconforto/neutralidade diante dos conteúdos que analisamos. Se o leitor ri, supomos que os conceitos influenciam num sentido restrito ao conteúdo de humor, ou seja, o indivíduo acessa os conceitos que se remetem prioritariamente às condições humorísticas; mas se esse conteúdo resultar no não-riso ou desconforto, acreditamos que o indivíduo tenha acessado informações ligadas diretamente a emoções empáticas ou determinadas convenções sociais.

Para Ferreira (2013, p. 8) *a priori*, um conceito designa uma espécie de categoria de entendimento, “que é a faculdade de ligar as sensações graças a categorias”. Seguindo pressuposto, os conceitos nos permitem não só produzir conhecimentos sobre as coisas, como também dar sentido a elas¹⁸.

De acordo com Hardy-Vallée (2013), um conceito é essencialmente mental. São situações, eventos ou objetos que podem ser representados por uma ou mais palavras. De acordo com o autor, o conceito é a primeira unidade do pensamento e do conhecimento, pois só pensamos e conhecemos na medida em que manipulamos conceitos.

¹⁸ Ver em Hardy-Vallée (2013).

O teórico cita como exemplo o conceito em dois sentidos, um deles se referindo ao nosso raciocínio pessoal – parte de nossos processos cognitivos – e outro está no mundo, distribuído entre pessoas ou materiais (livros, revistas, internet etc.). Hardy-Vallée adota o termo “noção” para os conhecimentos elencados no mundo e “conceito” para as particularidades mentais de cada indivíduo.

Ou seja, conceitos são todas as informações que armazenamos sobre determinadas coisas, permitindo identificá-las e diferenciá-las. Tais conceitos estão armazenados em nossa mente e são elencados quando nosso processo interpretativo os solicita. Se há ausência ou confusão com relação ao conceito solicitado, possivelmente o processo de interpretação será fracassado ou incompleto.

Para exemplificar, imaginemos uma situação hipotética em que o locutor diz ao interlocutor a seguinte frase: “Sua professora lhe deixou um recado no e-mail”. Se interlocutor não tem o conceito de “e-mail” armazenado em sua mente, isso o impediria de interpretar a frase satisfatoriamente e, conseqüentemente, ele não encontraria o recado. A solução possível e imediata procurar o conceito de e-mail, que então ficaria armazenado em sua mente e facilitaria sua interpretação em situações posteriores.

Como explica Hardy-Vallée, um conceito pode ser existente e válido ainda que esteja errado ou não seja verdadeiro. Isso porque na maioria das vezes os indivíduos armazenam conceitos com base em suas experiências. Além disso, um conceito sobre algo não é necessariamente concreto e imutável: o contato constante com novas informações pode modificar a concepção do indivíduo.

Nesse sentido,

um conceito nos permite conhecer apreendendo a invariância (pouco importa sua natureza) de uma categoria. Quando é apreendido, esse invariante pode então ser utilizado para categorizar, isto é, reconhecer uma coisa como membro de uma categoria ou, ainda, subsumir um particular sob um universal. (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 61)

De acordo com o autor, a efetivação dessa categorização é dependente de uma regra, que inclua uma coisa em uma categoria ou um critério. No caso da interpretação humorística, nossa mente estabelece critérios sobre o que é e

o que não é risível. Por isso mesmo, existem diversas divergências entre o que o sujeito X considera como engraçado, em comparação a um sujeito Y.

Para fazer rir, o conteúdo humorístico tende a não ir de encontro às crenças, opiniões, ou cultura do indivíduo. Mesmo assim, esse embate não garante uma unanimidade: se mesmo com esse choque o indivíduo ri, supomos que isso aconteça porque ele se distancia do critério que seleciona os conteúdos risíveis e não houve nenhuma emoção negativa.

8. A TEORIA DA RELEVÂNCIA E SEU ENCAIXE NO ESTUDO DO HUMOR

Antes de seguirmos com nossa discussão sobre o processo interpretativo do humor, faz-se necessário recordar que a linguagem é extremamente ampla, e possibilita um universo completo e variado de eventos essencialmente humanos, sendo altamente observáveis e possibilitando estudos e teorias como a Teoria da Relevância.

A Teoria surge a partir dos estudos de Herbert Paul Grice (1975), que trouxe grandes esclarecimentos acerca do raciocínio pragmático e, a partir daí os estudos pragmáticos começam a se popularizar. Seu artigo “Lógica da conversação” propõe um método bastante efetivo para explicar os pontos que são evocados em uma conversação. De acordo com Oliveira e Basso (2014) Grice tem por objetivo construir uma teoria da conversação em que as visões formalistas, lógicas e conversacionalistas não sejam antagônicas, mas sim complementares.

Para Grice (1982), no ato da comunicação, os interlocutores trabalham tanto com informações ditas explicitamente, quanto com informações implicadas, que são entendidas pelo contexto. De acordo com o filósofo, o dizer se refere ao significado convencional das palavras/da sentença, e se mostra quase sempre insuficiente para a interpretação de significados.

Nossos diálogos, normalmente, não consistem em uma sucessão de observações desconectadas, e não seria racional se assim fossem. Fundamentalmente, eles são, pelo menos até um certo ponto, esforços cooperativos, e cada participante reconhece neles, em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita. (GRICE, 1982, p. 86).

O autor explica que tais propósitos podem ser fixados desde o início, ou ainda evoluir durante o diálogo, serem definidos ou indefinidos. Grice então propõe seu famoso Princípio da Cooperação: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1982, p. 86).

Partindo desse princípio surgiram as Máximas Conversacionais, que de certa forma interferem no resultado da comunicação. Grice denomina as categorias de Quantidade, Qualidade, Relação e Modo, que dão origem às

máximas e eventuais submáximas. Apresentaremos, de forma sucinta, cada uma dessas categorias e suas máximas:

Quantidade: Sua contribuição deve ser tão informativa quanto requerida, sem que sua informatividade seja excessiva para o propósito de comunicação.

Qualidade: Diga o que é verdadeiro; não diga aquilo que você acredita ser falso e não diga algo que você não possa oferecer nenhuma evidência.

Relação: Seja relevante

Modo: Seja claro, evite obscuridade ou ambiguidade, seja ordenado.

A partir dessas considerações, de acordo com Sperber e Wilson (2001), levantam-se questões acerca do processo de compreensão. De acordo com os autores, Grice descreve a compreensão como sendo uma forma de um processo de raciocínio discursivo e consciente, e sua pragmática inferencial “não sugere qualquer processo prático através do qual o significado da pessoa falante possa ser encontrado automática e inconscientemente” (p. 10).

Os linguistas notaram então que Grice deixou a máxima da Relação mal desenvolvida. Por isso mesmo, os autores lançam a Teoria da Relevância como uma tentativa inicial de responder algumas questões levantadas nas palavras de Grice, e se tornou uma importante teoria da comunicação.

Em nosso estudo, como já explicamos anteriormente, utilizaremos a Teoria da Relevância como uma maneira satisfatória de explicar questões pontuais de raciocínio que podem determinar o riso e o não riso, além de explicitar o quão complexa é a interpretação humorística, mesmo aparentemente simples. Uma abordagem que leve em conta as questões de comunicação pode se encaixar perfeitamente nos estudos sobre o humor, justamente porque não é difícil notar que o humor e o riso fazem parte das interações comunicativas.

De maneira geral, o humor e principalmente o riso é, de fato, comunicativo – como bem explica Bergson, o humor não é individual, pode ser comunicativo ou surgir de quebra de expectativas. Há no humor a comunicação de informações, que se integram com as informações na anteriormente armazenadas na mente do indivíduo e ocasionam uma resposta que promove a interação entre os interlocutores, seja ela positiva ou negativa. Em outras palavras, o riso não é vazio: assim como as palavras, essa reação também

carrega sentidos e significados, que são imprescindíveis para sua existência e para sua intensidade; isso faz com que sempre haja correspondência entre pessoas.

Existem alguns conceitos presentes na Teoria que são peças-chave para a compreensão pragmático-cognitiva do humor. Essas noções nos mostram que a interpretação humorística necessita da ativação de vários componentes do conhecimento determinantes para atribuição de sentido à tira ou meme. Explicaremos cada uma delas nos próximos segmentos, que podem interferir e/ou contribuir para determinado resultado da interpretação.

8.1. O AMBIENTE COGNITIVO E AS SUPOSIÇÕES FACTUAIS

Quando partilhamos determinados contextos situacionais com outros indivíduos, quer dizer que estamos dentro de um mesmo ambiente físico.

Encontramo-nos todos envolvidos num empreendimento de uma vida inteira a derivarmos informações desse ambiente comum e a construirmos sobre ele as melhores representações mentais possíveis. Não construímos todos a mesma representação; por um lado, devido às diferenças dos nossos ambientes físicos mais reduzidos e, por outro, devido às nossas capacidades cognitivas. As capacidades perceptuais variam em eficácia de um indivíduo para outro. As capacidades inferenciais também variam, e não apenas na sua eficácia. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 79)

Nossas experiências de mundo, mesmo aparentemente semelhantes, são muito diferentes. Tudo aquilo que vivenciamos ativa ou passivamente faz parte da construção de nossas capacidades cognitivas, que pode nos levar a produzir raciocínios inferenciais diferentes, porque cada raciocínio é único e dependente de todas as nossas representações mentais dos conceitos e noções que estão sendo ativados no momento da interpretação. Por isso mesmo, de acordo com Sperber e Wilson, ainda que o ambiente físico e situacional seja o mesmo, os ambientes cognitivos são diferentes.

Os autores definem o ambiente cognitivo como sendo um conjunto de fatores que lhe são manifestos: “um fato é *manifesto* a um indivíduo em dada altura se, e apenas se, ele for capaz nessa altura de o representar mentalmente e de aceitar a sua representação como verdadeira ou provavelmente verdadeira” (2001, p. 79).

Seguindo esse pressuposto, para ser manifesto, o conteúdo deve ser perceptível ao indivíduo, ou ter a possibilidade de ser inferido. Para os teóricos, o ambiente cognitivo total de um indivíduo corresponde ao conjunto total de fatores que ele tem capacidade de apreender ou inferir, ou seja, todos os fatores que lhe são manifestos. Essa construção se dá não só a partir dos fatos de que o indivíduo tem consciência, como também todos os fatores que ele pode vir a tornar consciente no seu ambiente físico. Todas essas informações se tornam um aparato para as suas capacidades cognitivas.

No caso da interpretação das tiras e memes de humor, o leitor pode reiterar várias questões a respeito de suas ideologias, crenças, costumes etc. Quando uma tira ou meme entra em conflito com as informações que estão manifestas no ambiente cognitivo, reverterá a suposta graça em desconforto.

No que se refere ao armazenamento básico de memórias¹⁹, Sperber e Wilson propõem a seguinte propriedade: “qualquer representação nela armazenada é tratada pela mente como uma descrição verdadeira do mundo real, de um facto” (p. 127).

Essa representação, mesmo embasada em um ambiente físico, uma crença ou um comportamento compartilhado, atua de maneira individual na mente do leitor: independentemente do número de informações e pensamentos que compartilharmos, nossa mente terá sua própria representação de uma ideia ou pensamento tomada como verdadeira, ainda que não seja a única representação possível.

As suposições tratadas como descrições verdadeiras do mundo, mas que não se encontram explicitamente representadas como tais, são chamadas de suposições factuais. De acordo com os autores, nós temos a capacidade não só de criar suposições, mas também de raciocinarmos acerca delas. É possível considerar essa representação do mundo como um armazém de suposições factuais (p. 128).

Cada suposição factual adquirida de novo é combinada com um armazém de suposições existentes para passar pelos processos inferenciais cuja finalidade, como temos sugerido, é modificar e

¹⁹ Que é tratada pelos autores como uma suposição, mas que, em nossa análise, tomamos como uma categoria completa, considerando que na interpretação humorística estamos constantemente ligados às nossas memórias previamente armazenadas.

aperfeiçoar a representação total do mundo do indivíduo (SPERBER; WILSON, 2001, p. 129)

Não quer dizer, necessariamente, eficiência do pensamento. É, na verdade, uma expansão das capacidades cognitivas do indivíduo, supondo que a combinação de informações novas e existentes provoca uma atividade constante de processos inferenciais.

No momento da leitura de um conteúdo humorístico, acessamos não só a nossa representação mental do mundo como também estamos observando, a representação de mundo do autor ou dos demais leitores, dependendo da fonte pela qual tivemos acesso a ele. Em outras palavras, por mais que tomemos uma representação como verdadeira, não ignoramos o fato de que estamos convivendo com outras representações, mesmo que para nós pareçam falsas ou equivocadas.

Quando essa representação é armazenada “por estar encaixada sob uma expressão de atitude, ela é muitas vezes processada de um modo pouco espontâneo e pouco à vontade” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 129).

Isso se reflete de forma muito clara na interpretação humorística. A depender de nossas representações mentais ou suposições factuais, nossa propensão ao riso é altamente variável.

8.2 OSTENSÃO

A ostensão também é um fator que influencia tanto no resultado final da interpretação humorística quanto na propensão ao riso. Na teoria de Sperber e Wilson, a ostensão é, em termos simples, um pedido de atenção que se realiza entre locutor e interlocutor e ocasiona uma resposta, sendo o mais relevante possível. Em outras palavras, trata-se de toda e qualquer modificação realizada no ambiente da linguagem que tem a finalidade de ser percebida pelo destinatário. Este terá o papel de focalizar no significado do discurso para que possa completar sua compreensão inferencial, para que a comunicação possa fluir com êxito (ver SOUZA, 2005, p. 85). O processo se conclui quando o interlocutor atinge o nível desejado de relevância.

Em contato com sua enciclopédia mental, o interlocutor concentra-se numa atribuição de relevância. Tal questão pode fazê-lo desviar-se do significado pretendido pelo autor.

Existe,

[...] na comunicação humana, um comportamento que se move na direção da “busca de mostrar algo a alguém”, um comportamento que “torna manifesta uma intenção de tornar alguma coisa manifesta”. Esse comportamento é, para a TR, uma ostensão. Indissociável da ostensão é o esforço de processamento, que só será feito na expectativa de alguma recompensa. Não interessa chamar a atenção de alguém para algum fenômeno se esse fenômeno não parece suficientemente relevante a essa pessoa – valer a pena prestar atenção a esse fenômeno. (SANTOS, 2009, p. 77)

De acordo com Santos (2009), o comportamento ostensivo do ser humano fornece evidências suficientes para a elaboração de hipóteses de significado, porque fornece intenções e pensamentos do locutor para o interlocutor, favorecendo a relevância. O ouvinte precisa reconhecer o estímulo ostensivo do remetente, para que o processo das informações seja eficiente.

Em se tratando de uma “pessoa que falhe no reconhecimento dessa intenção poderá não notar as informações que são realmente relevantes” (SANTOS, 2009, p. 78). Por isso, é importante que se eleve a comunicação à inferência como resultado do estímulo ostensivo.

A comunicação inferencial e a ostensão são exatamente um único e mesmo processo, mas visto de dois pontos de vista distintos: o do falante, que está envolvido na ostensão, e o do ouvinte, que está envolvido na inferência. A comunicação ostensivo inferencial consiste em tornar manifesto a um ouvinte a intenção de se tornar manifesto um nível básico de informação. (SANTOS, 2009, p. 80)

De acordo com a Teoria da Relevância de Sperber e Wilson, a meta do comunicador é fazer com que o destinatário julgue valer a pena processar um estímulo ostensivo. Se o destinatário percorrer o caminho preparado pelo comunicador, chegará à interpretação expectativamente relevante – o êxito de uma Relevância Ótima. Citados por Souza (2005), os autores ressaltam que a comunicação inferencial ostensiva ocorre quando

[...] o comunicador produz um estímulo que torna mutuamente manifesto para o comunicador e a audiência aquilo que o comunicador

pretende, ou seja, tornar manifestou ou mais manifesto para a audiência, por meio deste estímulo, um conjunto de suposições. (SOUZA, 2005, p. 85)

O comunicador tenta estabelecer um caminho para que o destinatário percorra e processe a informação desejada e não desvie da interpretação esperada. Nesta perspectiva teórica, quando nos comunicamos com alguém, criamos uma expectativa de Relevância Ótima.

Nas palavras de Klöckner (2005) a ostensão é uma espécie de ajuda especial dada pelo comunicador para que o interlocutor possa reconhecer sua intenção informativa. Ou seja, a comunicação ostensiva se trata de uma automática presunção de relevância.

Para o autor de uma tirinha, charge, cartum ou meme, o provável estímulo ostensivo é o próprio gênero textual, as cores, o desenho ou o assunto abordado. No caso das tiras de humor, nossa primeira pista da ostensão presente no texto é o gênero e sua comicidade. No entanto, como já explicitamos, existem algumas pessoas que não atribuem relevância a esse estímulo ostensivo porque seus valores e conhecimentos do mundo não permitem.

Quando não rimos de algo e houve determinado estímulo ostensivo para tal, não significa necessariamente que seja um sinal de mau humor ou que não entendemos a tirinha. Muitas vezes, entendemos seu significado e, ainda assim, não conseguimos chegar ao resultado que foi possivelmente esperado pelo autor: o riso.

Isso pode estar ligado a vários fatores dos quais podemos elencar os mais comuns já mencionados: os valores, crenças, modos de vida, opiniões ou uma maior seletividade perante o conteúdo cômico. É devido a essas e outras questões que diversas vezes não conseguimos rir daquilo que pode ser engraçado para o outro.

8.3 EFEITO CONTEXTUAL

O efeito contextual se refere às implicações contextuais, às contradições ou fortalecimento das ideias iniciais do indivíduo. Para Sperber e Wilson (2005) os efeitos contextuais – efeitos cognitivos – produzem mudanças nas crenças do indivíduo. Seguindo a ideia dos autores, o indivíduo se mantém ganhando ou

perdendo pela verdade ou falsidade de suas crenças e o que realmente interessa para ele são os objetivos cognitivos. O efeito contextual é, em suma,

[...] o resultado de uma operação cognitiva com base em uma intenção ou perturbação ocorrida no ambiente cognitivo do receptor (destinatário, leitor, espectador). Essa perturbação nada mais é do que uma resposta ao enunciado atuando como estímulo. (SOUZA, 2005, p. 90)

De acordo com Souza (2005), esse mesmo enunciado pode perturbar o ambiente cognitivo anterior de três maneiras. Sendo cognitivo mediante um processo inferencial, resultará em um conhecimento novo, levando o destinatário de um estado conhecido a um estado desconhecido. Se a informação for conhecida, apenas fortalecerá o conhecimento prévio do indivíduo. Mas, se a informação contida no estímulo contradisser um conhecimento prévio do destinatário, o resultado poderá ser o apagamento ou anulação de suposições.

Sperber e Wilson (2001) explicam essa modificação ou aperfeiçoamento do contexto como a produção de algum efeito sobre esse mesmo contexto. No entanto, uma informação que venha a repetir uma informação anterior, ou uma nova informação que não tem nenhuma relação com a informação antiga não conta como um aperfeiçoamento. Há um efeito contextual quando uma informação nova entra em contato com uma informação antiga.

No caso da comunicação os efeitos contextuais se baseiam nas mudanças/aperfeiçoamentos nas crenças do indivíduo e que no humor não haja, ao menos à primeira vista, nenhum tipo de mudança em suas crenças, podemos dizer que a interpretação humorística não segue essa noção à risca. No entanto, há um contato entre informações novas e velhas que ocasionam uma perturbação no ambiente cognitivo, operando como um estímulo que se transforma em uma resposta ao enunciado.

Por isso mesmo, isso seria um efeito contextual humorístico, pois segue características específicas de atuação no ambiente cognitivo do leitor/ouvinte. Na interpretação humorística, o indivíduo está constantemente em contato com o choque entre uma informação nova e uma informação antiga. A informação nova seria a provável incongruência, o gatilho do riso, proposto pelo conteúdo de humor, enquanto a antiga se refere ao tema ou assunto daquele conteúdo.

Mesmo nos casos em que o conteúdo humorístico utiliza assuntos que contradigam o conhecimento prévio do leitor, as informações podem resultar no fortalecimento do conhecimento prévio do indivíduo. Numa situação na qual o leitor se depara com uma tira de cunho racista e automaticamente avalia que isso não é e nem deve ser colocado como cômico, justamente pelo seu conhecimento prévio sobre essa questão.

Apesar de existir uma contradição entre o seu conhecimento (de que isso não é algo cômico) e do conhecimento do autor que desconsidera a gravidade de sua produção, ao não rir e desconsiderar aquele conteúdo como engraçado ou possivelmente engraçado, não há nenhum apagamento ou anulação das suposições do leitor, e sim o fortalecimento delas. Em outras palavras, no caso da interpretação do humor, a contradição de informações também pode representar o fortalecimento de suposições anteriores.

Nos casos em que não há nenhum choque de informações, somente pelo fato de algo comum estar expresso em uma linguagem humorística será um estímulo suficientemente capaz de produzir uma perturbação no ambiente cognitivo do indivíduo, ocasionando uma resposta.

Tanto na interpretação de enunciados quanto na interpretação do humor

existe mais do que uma simples identificação da suposição explicitamente expressa nela: está nela crucialmente envolvida a resolução das consequências do acrescentamento dessa suposição a um conjunto de suposições que foram já elas próprias processadas. Por outras palavras, existe nela a possibilidade de ver os efeitos contextuais relativos a essa suposição dentro de um contexto determinado, pelo menos em parte, por actos anteriores de compreensão. (SPERBER; WILSON, 2001, p 189)

Confiamos na hipótese de que quando não há nenhuma reação, o estímulo do humor foi fraco ou insuficiente. Não há como prever quando ou como esse estímulo será satisfatório, visto que isso diz respeito às preferências individuais do sujeito²⁰. Sperber e Wilson explicitam que em cada ponto do discurso o processamento de informações é diferente, podendo ser inédito e até mesmo único.

²⁰ É importante lembrar que não estamos tentando prever se o conteúdo de humor será mais ou menos engraçado, e sim traçar uma hipótese acerca dos processos cognitivo-inferenciais que levam ao riso ou ao não-riso, à reflexão ou desconforto.

No humor, a maneira como as suposições se unem podem ser diferentes ainda que o tema seja o mesmo, dando a essas suposições um ar de novidade. Talvez este seja um dos fatores que impulsionam o leitor/ouvinte ao riso, e o motivo pelo qual chegamos ao riso mesmo em situações que não apresentam nenhuma novidade (piadas já contadas, situações engraçadas repetidas, tirinhas que já lemos, vídeos que já assistimos, etc).

Em uma suposição na qual dois amigos (A e B) estejam caminhando pela rua e o sujeito A tropeça e cai, causa o riso no sujeito B. Posteriormente, no encontro com outros amigos, B conta a eles como toda a cena aconteceu e ri novamente, de uma maneira tão intensa quanto a primeira vez. As informações foram organizadas de forma diferente, ainda que o contexto seja reproduzido, o sujeito a trata como uma situação nova, causando um novo efeito contextual resultando no riso com a mesma intensidade.

Em suma, o efeito contextual ocorre em todo contato do leitor com os conteúdos humorísticos, isso porque, independente se o resultado da entrada de dados for o riso, o desconforto, a raiva, ou que o fato seja simplesmente ignorado, sempre ocorre uma resposta que pode ser negativa, positiva ou neutra.

8.4 RELEVÂNCIA INFORMATIVA E RELEVÂNCIA AFETIVA

Nas seções anteriores, afirmamos constantemente que o raciocínio humorístico é resultado de um processo complexo, por mais que à primeira vista pareça simples ou trivial. Para explicar a complexidade deste raciocínio, elencamos alguns conceitos-chave presentes na Teoria da Relevância de Sperber e Wilson, tal como a noção de que cada conceito traz um elo entre a informação nova e a informação já conhecida.

Nesse momento, partiremos para os conceitos de relevância afetiva e relevância informativa, proposto por Santos (2017), que fazem parte de todo esse constructo do raciocínio pragmático e são, de certa forma, os conceitos que indicam com mais precisão a atitude do leitor/ouvinte diante do humor.

Rauen (2005), explica que a Teoria da Relevância (TR) se fundamenta em dois princípios básicos, sendo o Princípio Cognitivo (a mente humana tende a dirigir-se para a maximização da relevância) e o Princípio Comunicativo, (os enunciados geram expectativas de relevância).

Santos (2009), também explica que para a TR a comunicação ocorre porque a cognição humana tende a dirigir-se à relevância ótima. De acordo com o autor, Sperber e Wilson

[...] conceituam a relevância como uma propriedade psicológica que faz com que uma entrada de dados valha a pena ser processada em termos de efeito e esforço cognitivo de processamento, porque modifica e reorganiza suposições disponíveis. O efeito cognitivo, por sua vez, pode fortalecer suposições existentes, contradizê-las ao fornecer evidências decisivas contrárias ou combinar suposições existentes para calcular implicações contextuais. (p. 65)

Uma situação corriqueira pode validar a questão colocada em relação ao esforço e ao efeito: Imaginemos uma situação em que estamos numa conversa e por algum motivo não entendemos o que a pessoa diz (pelos ruídos, distância entre os locutores etc.). Depois de alguns esforços para encontrar o significado, abandonamos a tentativa de entender a informação a ser comunicada, e, mesmo sem entender, damos ao locutor uma resposta como um sinal positivo com a cabeça, ou simplesmente um sorriso.

Nessa situação, sua mente provavelmente entendeu que tentar encontrar um sentido naquela entrada de dados está demandando muito esforço e pouco efeito (visto que a informação já se perdeu) e, por isso, acabam abandonando essa tentativa.

Na de interpretação de dados, o interlocutor cria e modifica possíveis suposições disponíveis para aquele enunciado, para que possa calcular suas implicações contextuais a fim de identificar os sinais do sentido para chegar ao significado dos dados. Nessa perspectiva,

[...] a TR se apresenta como uma proposta que faz a identificação dos mecanismos subjacentes à psicologia humana, que explicam como os seres humanos se comunicam entre si. Um problema para a teoria não é formular hipóteses sobre aquilo que a pessoa que comunica possa ter tido a intenção de transmitir e sim sobre as infinitas possibilidades de escolhas de hipóteses do ouvinte (SANTOS, 2009, p 70).

A teoria trata das possibilidades de sentido e significado que partem do locutor, mas precisamos pensar ainda que um input pode gerar uma possibilidade quase infinita de suposições a serem realizadas pelo interlocutor. Nas dimensões interpretativas do uso da linguagem, seja em qualquer instância,

alguns autores explicitam que num nível básico, o enunciado se caracteriza como uma interpretação mais ou menos fiel do pensamento ou intenção que o locutor quer expressar²¹.

Um enunciado é descritivamente usado quando o pensamento interpretado é, ele mesmo, considerando uma descrição verdadeira de um estado de coisas; ele é usado interpretativamente quando o pensamento interpretado é considerado uma interpretação de um pensamento posterior, quer dizer, de um pensamento atribuído ou relevante (SPERBER et al, 1995, p.178, apud SANTOS, 2009, p 70).

Se o enunciado não é considerado uma descrição verdadeira de um estado de coisas no mundo – referindo-se ao aspecto abordado entre uma possível comunicação entre locutor e interlocutor – a comunicação eleva-se a um nível interpretativo inferencial individual, que pode diferir do sentido e significado intencionalmente elencado pelo locutor, contestando suas expectativas.

Nesta representação, ocorre a abertura de um novo resultado de sentido e significado, conduzido pelas atribuições de relevância do interlocutor para chegar a uma interpretação consequencial de seu interesse, de acordo com as informações que estão disponíveis em seu ambiente cognitivo.

A partir daí as atenções estarão voltadas para as informações que forem pertinentemente relevantes para aquele cuja tarefa é representar um significado àquilo que lhe foi proposto. De acordo com Santos (2009, p 65), uma elocução é otimamente relevante se “i) é relevante para valer a pena ser processada; ii) é a mais relevante compatível com as capacidades e as preferências do falante”.

O que condiciona o resultado do processo de comunicação entre duas ou mais pessoas é a relação inferencial entre os locutores e o discurso que pode ocorrer de três maneiras, sendo elas a dedução, abdução ou indução; pautando-se num nível esperado e pré-estabelecido de relevância, para que assim tenha-se em decorrência uma relevância ótima. A compreensão inferencial ocorre da seguinte maneira:

[...] o interlocutor, seguindo o caminho de esforço mínimo, de posse do significado linguisticamente codificado deverá enriquecê-lo ao nível explícito e completá-lo ao nível implícito até que a interpretação

²¹ Isso não quer dizer que se refira, necessariamente, ao pensamento conciso do locutor; mas sim ao pensamento ou a ideia que ele pretende expressar naquele momento.

resultante se coadune com sua expectativa de relevância. (SANTOS, 2009, p. 66)

Como explicitado por Santos (2009), a relevância é o que determina – no processamento de informações lançadas pelo locutor no processo de comunicação direta ou indireta – a seleção das possíveis suposições diante daquele discurso, aplicando relevância àquela que melhor se adequar a ele, levando em conta não só a intencionalidade, mas também as interferências de nossa experiência cognitiva.

No entanto, a eficiência no processamento de informações só pode ser definida em relação a uma meta, que pode ser absoluta – voltada à solução de um problema –, ou relativa – voltada à elevação do valor de uma variável. A eficiência do mecanismo de informação consiste em encontrar a solução do problema com o mínimo de custo possível. (SANTOS, 2009, p. 76)

Se no caso do gênero tira, por exemplo, a meta do autor é ocasionar uma interpretação cômica por meio da criação da incongruência em combinação com a resolução dessa incongruência por meio do raciocínio inferencial do leitor, o caminho do raciocínio a ser percorrido pelo leitor não será curto.

Isso vale tanto para aquele que encontrar a comicidade, quanto para aquele que desviar-se dela. O caminho do raciocínio é o mesmo, até que nos deparemos com atribuições de relevância diferentes. A informação será relevante, se considerarmos que

- i) existem informações antigas que eventualmente serão necessitadas no processamento;
- ii) existem outras informações que são desligadas do processo;
- iii) existem informações novas e que se encontram ligadas às informações antigas. (SANTOS, 2009, p. 73)

Uma questão importante discutida por Rauen (2005) é considerar que a Relevância é a função de efeitos cognitivos e de esforço de processamento, e que esta é, sobretudo, uma propriedade dos *inputs* (entrada de informações). Para interlocutores em iguais condições de raciocínio, quanto maior o efeito cognitivo no processamento de um input (informações visuais, linguísticas, auditivas etc.), maior é a sua relevância.

Rauen (2005) explica que o processamento de um *input* num contexto de suposições cognitivas disponíveis a um indivíduo pode gerar determinado efeito

cognitivo através da modificação ou da reorganização das suposições. De acordo com o autor, um input pode fornecer evidências para:

- a) o fortalecimento (ou enfraquecimento) das suposições existentes;
- b) a contradição das suposições existentes; ou,
- c) a derivação de implicações contextuais, entendidas como conclusões resultantes da combinação dos inputs com o contexto cognitivo, mas que não decorrem dos inputs ou do contexto isoladamente. (RAUEN, 2005, p. 36)

A explicação para que os leitores tenham níveis de relevância diferentes em enfoques diferentes no caso da tirinha ou meme (foco no tema/assunto ou no gênero cômico) é a de que

[...] quanto mais efeitos contextuais e menos esforço de processamento, maior a é relevância. Por outro lado, quanto menos efeitos contextuais e mais esforço de processamento, menor é a relevância. No entanto, ressalta-se que um maior esforço de processamento compensado por mais efeitos contextuais, aumenta a relevância. (KLÖCKNER, 2005, p. 60)

Em cada etapa de raciocínio, o leitor dispõe de um conjunto de contextos que lhe são parcialmente ordenados. Nenhum ato comunicativo ocorre de maneira totalmente limpa, o que permite a variação de relevância entre locutores, interlocutores e discursos.

Sperber e Wilson postulam que os efeitos contextuais de determinada suposição em um dado contexto fazem parte da determinação do grau de relevância, mas não é seu único constituinte. Segundo os autores, os efeitos contextuais são resultado de processos mentais, que envolvem esforço e consomem energia. “Excepto quando se encontram em estado de completa exaustão, os seres humanos acham que vale a pena raciocinar” (2001, p. 200).

Santos (2014) salienta que a TR se refere primordialmente aos sistemas racionais de interpretação, deixando de lado crenças, valores, convenções etc. Por isso mesmo, o autor nos direciona a pensar na interpretação²² sob o viés do Modo Psicológico, que se configura como o principal elemento responsável por essa interpretação humorística, estabelecendo conexão entre a realidade do conteúdo e a realidade particular do indivíduo.

²² O autor se restringe ao contexto da piada. No entanto, estendemos a sua análise aos demais modos de se fazer humor.

A noção de Relevância Afetiva, proposta por Santos (2017), é um exemplo de que existem fatores muito além de implicações racionais no processo de interpretação. Nesse pressuposto, ainda que Sperber e Wilson tenham revolucionado o campo da pragmática cognitiva com essa importante teoria, Santos (*op cit*) argumenta que a TR é uma teoria pautada expressivamente na razão, sem considerar as questões prosódicas e tonando a interpretação demasiado uniforme e pré-estabelecida, necessitando de readequações em sua fórmula original. De acordo com sua proposta,

[...] Enquanto a relevância afetiva se assenta sobre os pilares básicos das emoções e dos sentimentos humanos, a relevância informativa tem seus pressupostos assentados na racionalidade humana (razão). (p. 4)

O autor explica que existem divergências entre quantas e como se compõe as emoções ou atividades emotivas e portando, adota a noção de emoção como reações “psico-orgânicas sensíveis a percepções experienciais voláteis, novidadescas, não conscientes, mas comandadas pela mente, diante de uma situação excitante repentina” (SANTOS, 2017, p. 5). Essas reações, de acordo com suas ideias, podem fazer parte do processo ostensivo-inferencial.

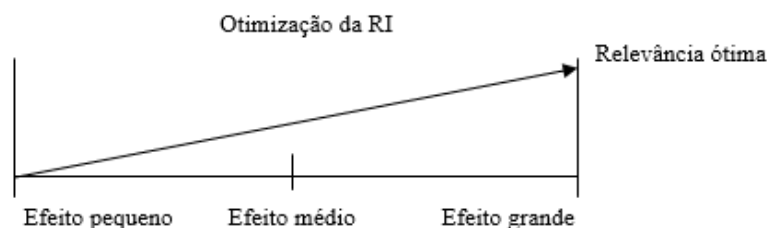
Santos (*op cit*), objetivando aprimorar a noção de Relevância, trabalha com a ideia de que existem dois tipos de relevância, uma seria a denominada relevância informativa (R.I.) de efeito cognitivo e racional (maior esforço/menor efeito e vice-versa, como descrito na TR), e outra a relevância afetiva (R.A.), que se revela de acordo com nossos sentimentos (guiado pelas emoções). Nesse sentido, tal qual as questões racionais estão elencadas na memória enciclopédica, como explica o autor, as emoções fazem parte da memória afetiva.

Teoricamente a RA é uma instância psico-cognitiva que atua na interpretação de enunciados conversacionais e tem como meta a valoração gradual do potencial afetivo da representação mental desse enunciado, maximizando-o para mais ou para menos, positiva ou negativamente. Esse potencial é modulado em graus de afetividade e corresponde ao efeito derivado do custo de processamento de uma, ou mais, variável afetiva ativada no ato da interpretação. (SANTOS, 2017, p. 6)

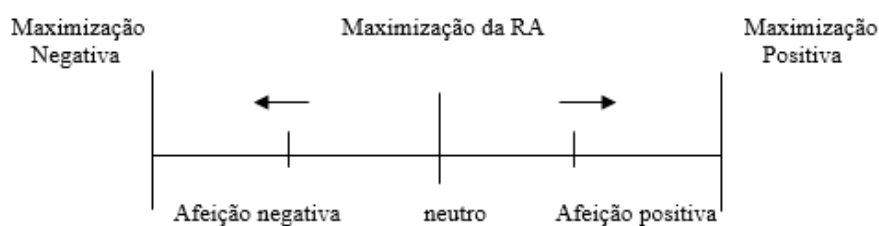
Para exemplificar como acontece a interpretação nesses dois tipos de relevância, Santos mostra como o processamento mental se dá em cada uma delas:

Figura 11: Relevância Informativa e Relevância Afetiva

a) Processamento informativo: Relevância Informativa



b) Processamento afetivo: Relevância Afetiva



Fonte: Santos (2017, p. 7)

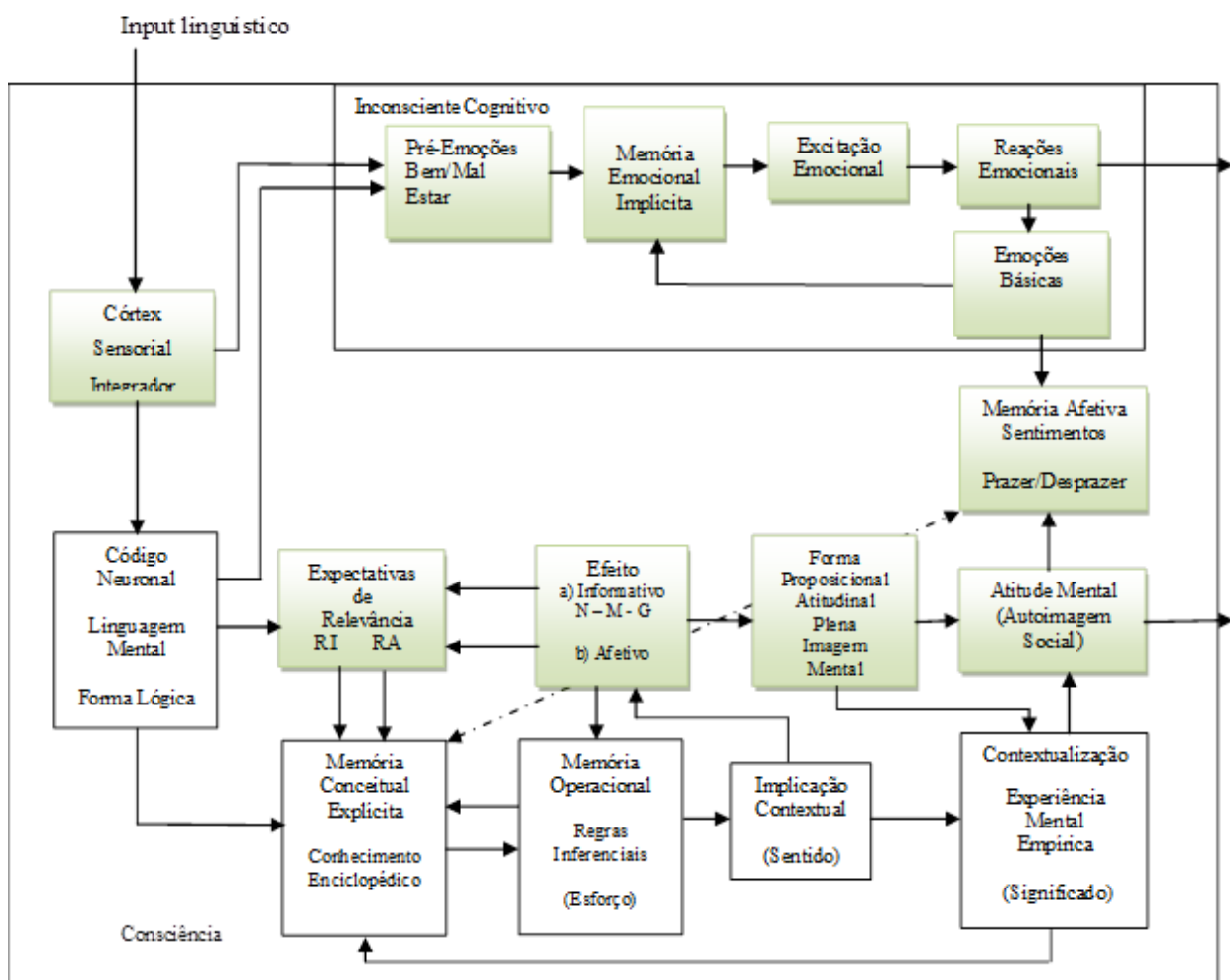
Na RI os efeitos variam entre (nulo) pequeno, médio ou grande, chegando a uma meta que, nesse caso, se refere à relevância ótima. Já a RA tem um efeito negativo, neutro ou positivo, se relacionando ao tipo de emoção explorada no momento da interpretação e desencadeando assim um resultado específico.

Referente à otimização e a maximização, Santos explica que na TR, a otimização diz respeito a uma informatividade ideal quando, na sua proposta, “a maximização do efeito afetivo é modulada em “níveis potenciais de afetividade”, isto é, o efeito afetivo flutua de acordo com o contexto mental dos interlocutores.” (2017, p. 7).

Diferentemente da RI, cujo custo/esforço de interpretação está condicionado à interrupção do processamento quando a mente atinge a relevância ótima, na relevância afetiva, que opera em graus de afetividade, o custo/esforço de processamento pode ser baixo, médio ou alto e perdurar no tempo, já que a RA se manifesta sob o “estado latente” da afetividade. (SANTOS, 2017, p. 11)

No quadro de Santos (*op cit*) demonstrado a seguir, podemos notar como acontece a interpretação na mente do indivíduo e em que medida estão elencados os processos inferenciais acerca do resultado desse raciocínio. Aqui podemos notar como o raciocínio pode inclinar-se entre à RI e em que medida a RA influencia nos resultados da interpretação:

Quadro 2: Inconsciente cognitivo



Fonte: Santos (2017, p. 8)

O quadro mostra quais são os constituintes cognitivos acionados a partir do contato com um input linguístico dentro da nossa mente. Quando há uma entrada de dados no nosso ambiente cognitivo, ela se transforma em uma linguagem mental que guia esses dados no processo de interpretação a partir da

informação coletada e das informações previamente armazenadas²³. Sperber e Wilson (2001) chamam essas informações de conhecimento enciclopédico, que servem como ponto de partida para a aplicação de regras inferenciais, podendo estas ser dedutivas, abduativas ou indutivas, a depender da experiência individual de cada interlocutor, bem como do conteúdo a ser interpretado.

O indivíduo chega a uma implicação contextual. No processamento mental, ele poderá interpretar qual é o sentido empregado àquela entrada de dados, através de uma contextualização – experiência mental empírica – revelando o significado. Esse significado está atrelado às suposições factuais, que fazem parte da descrição do mundo. Nesse processo, são considerados os estímulos de relevância afetiva (acionando o inconsciente cognitivo) e/ou relevância informativa (acionando a consciência) da entrada de dados.

Em outras palavras, no caso da interpretação inferencial humorística, o leitor identifica seu contato com um conteúdo de humor através de um input linguístico (imagético/ textual ou imagético+textual). A mente então se prepara para interpretar um conteúdo de humor, mas a partir do momento em que a informação entra em contato com a RA, variando seu grau, nível e efeito, o leitor/ouvinte pode distanciar-se do riso, tendo como resultado a reflexão, o desconforto, a raiva, etc.

Nossa memória operacional passa então a trabalhar com essas informações a fim de atribuir o sentido e o significado do conteúdo, ocasionando uma atitude mental que pode ser representada através de uma sensação positiva ou negativa (riso, não riso, prazer, desprazer) ou ainda não desencadear nenhuma reação reflexiva e/ou emocional.

Isso explica nossa hipótese de que a determinação entre o riso e o não riso (bem como as diversas outras reações e sensações perante os conteúdos de humor) dependem de como se comportam os inputs de entrada em contato com nosso ambiente cognitivo e as informações contidas em nossa enciclopédia mental. Em outras palavras, nossa hipótese pretende explicitar que categorizar algo como conteúdo de humor não garante a chegada do leitor ao riso, porque durante o raciocínio, as experiências psicológicas, culturais e sociais revelam forte interferência nesse processo. “Quanto mais nos aproximamos da

²³ A partir de experiências vividas anteriormente, que constroem todo o nosso campo de informações sobre aquele dado.

compreensão do que nos faz rir, mais nos afastamos do humor e nos aproximamos dos circuitos da sociabilidade humana. ” (SALIBA, 2017, p. 9).

As emoções não só são acionadas no processo de interpretação humorística, como também são determinantes para o resultado dessa interpretação. Veach (1998) faz uma importante colocação sobre as piadas, que nos interessa estender ao nosso estudo como fator que ocorre também com tiras e memes.

Se uma piada não provocar emoção, não existe compromisso e não é entendida como tal; se provocar emoção e um nível de compromisso fraco com o conteúdo, a piada é compreendida e recebida com humor; se provocar emoção mas com um nível de compromisso forte, a piada é entendida, mas recebida como uma ofensa (VEACH 1998, p. 163-4, apud JERÓNIMO, 2015, p. 50).

Se considerarmos a colocação de Veach, podemos afirmar que rir presume uma relação entre RI e RA, somente RA, mas nunca somente RI. Em contrapartida, o não riso pode presumir RI e RA, somente RI e somente RA.

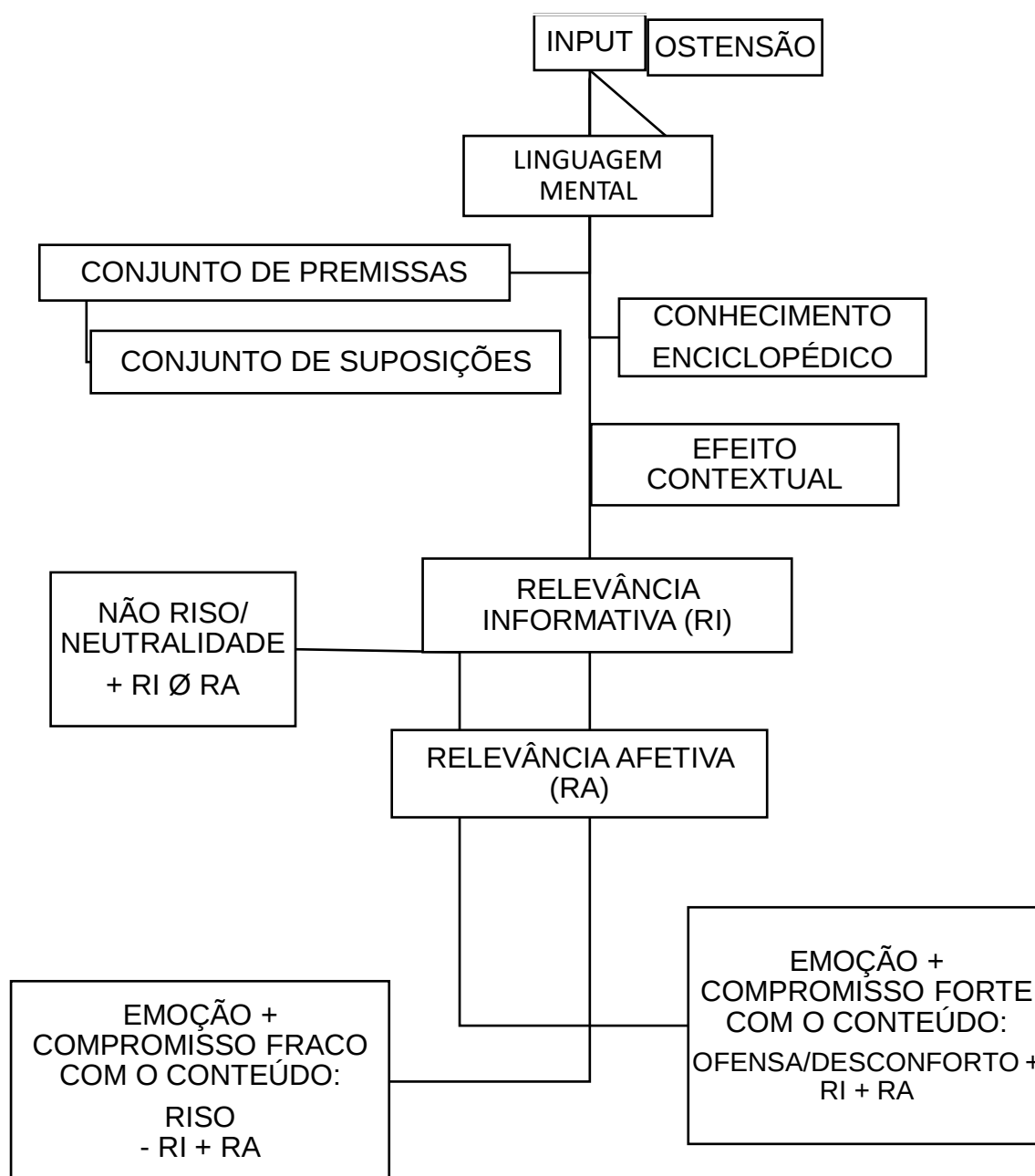
Nesse sentido, o elemento chave para o riso é que o conteúdo cause emoção positiva e para o não riso, temos a emoção negativa ou neutra. O que vai determinar com precisão se a emoção será positiva (riso) ou negativa (ofensa) são os fatos manifestos na mente do indivíduo, bem como do efeito contextual causado pelo conteúdo do humor.

Adaptando o esquema de Santos (2017)²⁴ ao processo de interpretação humorística, chegamos a uma espécie de simplificação ajustada à nossa pesquisa, com o intuito de simplificar a compreensão desse processo cognitivo inferencial de forma resumida, baseando-nos na consideração de Veach sobre o papel da emoção para a piada, moldando à interpretação de tiras e memes²⁵:

²⁴ Apresentado no quadro 2.

²⁵ Salientamos que este esquema foi uma alternativa simplificada para explicar as etapas do raciocínio humorístico. Não estendemos este esquema a outras instâncias de interpretação.

Figura 12: Esquema do Ambiente Cognitivo na interpretação do humor²⁶:



Fonte: Criação da autora.

Neste esquema tentamos demonstrar de maneira sintetizada que a propensão ao riso depende de conhecimentos prévios, suposições e relevância. O input, neste caso específico, seria a tira ou meme com o qual o leitor entra em

²⁶ Não propomos nenhum tipo de hierarquia entre os componentes do esquema, pois tudo pode variar de acordo com o raciocínio individual do leitor. Em outras palavras, esta é uma representação hipotética de raciocínio.

contato. Dentro do conhecimento enciclopédico, estão englobadas as crenças, comportamentos, conhecimentos, noções e conceitos, o contexto mental e físico, bem como outras informações contempladas durante cada raciocínio inferencial. O conjunto de premissas segue a mesma linha do que demonstramos sobre a regra *modus ponens*. Já o conjunto de suposições se revela a partir daquilo que pode ou não ser manifesto ao indivíduo, causando um efeito contextual.

O leitor pode se deparar com o input, tendo compromisso forte com o assunto, otimizando a relevância informativa (fortalecendo a suposição de que não há possibilidade de rir de um conteúdo religioso, por exemplo) e esse conteúdo tenha lhe causado emoção, maximizando a relevância afetiva, o resultado será a ofensa ou o desconforto.

Se há um compromisso neutro com o conteúdo e este não lhe causar emoção, o leitor provavelmente não terá nenhuma reação, pois ocorre a otimização da relevância informativa, enquanto a relevância afetiva não se manifesta, ou se mantém neutra. Por fim, se há grande maximização da emoção e menor compromisso com o conteúdo, o leitor terá o riso como resultado final do raciocínio. É importante frisar que restringimos essa análise às especificidades de nossa pesquisa e não a estendemos, nesse momento, a outros moldes de estudos humorísticos.

Para que seja possível visualizarmos como a abordagem pragmática se mostra muito mais compromissada com a análise do raciocínio, demonstrando como as informações presentes nas tiras e memes são movimentadas durante a interpretação, mostraremos a seguir a análise de algumas tiras pela regra *modus ponens* da inferência indutiva, para que possamos entender a complexidade do raciocínio humorístico a partir do montante de informações que precisamos elencar no momento da interpretação.

8.5 REGRA *MODUS PONENS*

Mostraremos, nesta seção, as contribuições da regra *modus ponens* para os estudos do humor, mencionada nas seções anteriores. Frisamos que esta não foi uma teoria elaborada especificamente para o tema, mas sim adaptada, pois além de ser uma alternativa para explicar os entrelaces entre composição e

recepção das tiras, a regra trata de como as premissas são importantes nesse processo²⁷.

A emoção não será considerada nesta seção, visto que pretendemos mostrar como o raciocínio trabalha com as informações a partir de uma forma lógica de pensamento, deixando de lado, neste momento, o resultado final (em que a emoção está presente) da interpretação.

De acordo com Santos (2015), o Princípio Cognitivo da Relevância (PCR), é o processamento dedutivo inferencial que guia a comunicação humana ao humor, independente do indivíduo. Para o autor, na TR, uma das principais regras cognitivo-dedutivas trabalhada pela mente no processamento inferencial da comunicação é a regra se *P* então *Q*, conhecida na lógica como *modus ponens*.

“Esta regra toma como entrada de dados um par de premissas, uma condicional e outra sendo sua antecedente, e dá como resultado a consequente da condicional” (SANTOS, 2015, p. 196). Sendo assim, o resultado da interpretação depende da ativação da regra *modus ponens*.

Vejamos um exemplo em que a regra *modus ponens* é operada na interpretação de uma das tiras de Carlos Ruas:

²⁷ Enfatizamos que mesmo com as contribuições das regras lógico-dedutivas, precisamos ir além delas na nossa pesquisa, visto que somente a partir dessa regra não conseguimos provar em que consiste a propensão ou não ao riso.

Figura 13: Senhor? Senhor?



Fonte: RUAS, Carlos. S/n. **Um Sábado Qualquer**, 10 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.umsabadoqualquer.com/senhor-senhor/>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

A tira faz alusão a um episódio real acontecido no ano de 2015, em que uma funcionária pública foi flagrada batendo o ponto diariamente e logo em seguida indo embora do local de trabalho, sem cumprir sua carga horária diária. Em entrevista realizada pela TV Anhanguera, quando questionada sobre sua atitude, a servidora sai correndo, numa tentativa frustrada de preservar-se dos questionamentos. No momento da interpretação, outros contextos podem/devem ser ligados ao conteúdo para facilitar e incorporar o raciocínio do indivíduo.

Baseando-se nos estudos de Santos, podemos analisar a tirinha sob a perspectiva do PCR. Para a TR, de acordo com o autor, a mente humana trabalha com o uso de informações velhas que são armazenadas em modo de conhecimento enciclopédico, e informações novas, que operam como inputs. Tais informações funcionam como premissas que são processadas inferencialmente pelo sistema dedutivo-inferencial da cognição humana. Na regra *modus ponens*, a interpretação da tirinha ocorre da seguinte maneira,

utilizando como material algumas premissas ativadas no momento da interpretação (ver Santos, 2015, p 197):

Premissa 1 – informação velha inferida a partir do conhecimento enciclopédico: Deus é um ser supremo que sabe tudo/ detém todas as informações.

Premissa 2 – informação nova dada a partir do input visual: Deus está sendo entrevistado

Premissa 3 – informação constrangida (processada mentalmente) pela regra *modus ponens* (Se P então Q) a partir do input visual da premissa 2: Se (P) Deus sabe tudo então (Q) Ele dirá qual é a religião certa a seguir.

Santos (op cit) salienta que essas informações serão avaliadas pela mente como válidas ou não, e serão armazenadas na memória enciclopédica, entrando como informação velha em processamentos inferenciais posteriores. Seguindo a análise:

Premissa 4 – informações inferidas a partir da premissa 3: Existe uma religião certa (para cada indivíduo) e Deus pode confirmar essa informação

Premissa 5 – informação nova dada visualmente pela tira (Deus sai correndo) construída a partir da inferência das premissas 3 e 4 juntamente com o auxílio visual do terceiro quadrinho

Premissa 6 – informação inferida pelo leitor a partir das premissas 1, 2 e 5 (Por que Deus sai correndo se é um ser que detém todo o conhecimento e poderia tranquilamente responder à questão?).

O terceiro quadrinho causa uma incongruência para o leitor, um estranhamento causado pela atitude de Deus. De acordo com Santos (2015, p. 197), a Teoria da Relevância

prevê que dentre um conjunto de hipóteses disponíveis para a interpretação, a mente humana seguirá aquela que tem maior relevância contextual, isto é, a que causa maior efeito cognitivo e exige menor esforço de processamento.

Considerando as interferências do contexto, a hipótese buscada pelo leitor valida a premissa 1. Na mente dos leitores, *vide* o conceito popularmente conhecido de que Deus é um ser conhecido por sua divindade, um ser que sabe absolutamente tudo sobre o mundo – já que ele mesmo o criou.

Santos explica que a implicatura deduzida inferencialmente pelo leitor via regra *modus ponens* (se P então Q), a partir dos processamentos das premissas aqui explicitadas, temos: Se (P) Deus preferiu correr do entrevistador do que responder a pergunta, então (Q) Deus não sabe a resposta/ela é inexistente.

Tal informação, de acordo com as ideias de Santos, rompe com a lógica de simetria e ordenamento dos conceitos no mundo, ou seja, ela é uma incongruência, uma dissonância cognitiva contrária à ordem comum estabelecida.

8.6 INFERÊNCIA INDUTIVA

Figura 14: Personalidades que não valorizamos



Fonte: RUAS, Carlos. 1664. **Um Sábado Qualquer**, 31 de agosto de 2016. Disponível em: <http://www.umsabadoqualquer.com/1664-personalidades-que-nao-valorizamos/>. Acesso em: 7 de setembro de 2016.

Nas palavras de Santos (2015), nessa tirinha, existe uma regra pragmática proposta pelo desenhista, ainda que este não tenha conhecimento dela. Essa regra é a inferência indutiva cuja lógica é: Se X1, X2, X3, ... logo Xn (LEVINSON, 2000, apud SANTOS, 2015, p. 195).

De acordo com o autor, a inferência é operacionalizada da seguinte maneira:

[...] se eu observo ou experimento um fato novo e esse fato se repete duas ou três vezes em outras ocasiões, então eu crio uma expectativa, uma espécie de regra geral, de que todos os fatos semelhantes tenham o mesmo comportamento desses fatos anteriores (SANTOS, 2015, p. 195).

Para concluir o raciocínio, precisamos nos remeter ao contexto real. Nesta tirinha, o personagem 1 (apóstolo Zeferino) atribui ao personagem 2 (Luciraldo) a criação de alguns jogos, estilos de música e filmes. No contexto real, acessamos a informação de que alguns religiosos realmente atribuem à figura do mal a criação de algumas coisas que consideram ruins para os seres humanos, tal como o estilo musical “Rock and Roll” e o jogo “Pokemon Go”. Se X1, X2, X3 são criados por um ser do mal (na concepção de determinados fiéis) e conseqüentemente também fazem mal aos seres humanos, o resultado esperado seria hostilização tanto da criação quanto do criador delas.

No entanto, seguindo a inferência indutiva de lógica X1, X2, X3, logo Xn, existe uma quebra de expectativas, em que os humanos representados na tirinha, ao invés de reprovar ou protestar contra o personagem criador daquelas coisas no mundo, comemoram seus feitos, exaltando-o.

Na interpretação do humor, não são só formas lógicas que são acionadas em busca do sentido e do significado. Mostramos, através da análise da regra *modus ponens* e da inferência indutiva, como se comportam as informações observáveis nas tiras. Para o resultado do riso/não riso, soma-se a isso a interferência das emoções, bem como o compromisso do leitor com aquele determinado conteúdo.

Notamos, então, que na interpretação do humor o sujeito identifica a ostensividade do conteúdo, movimenta conhecimentos prévios, relaciona informações novas e antigas, seleciona um conjunto de suposições mais

adequadas às suas preferências, busca um raciocínio lógico e eficiente para que o processamento da informação demande menos esforço e mais efeito e recorre à sua inteligência emocional para chegar ao resultado final de sua interpretação.

Ao interpretar um texto humorístico entramos em contato com várias informações que identificamos instantaneamente. Nosso raciocínio segue uma lógica de pensamento muitas vezes espontânea e inconsciente. Nas próximas seções, detalharemos alguns conceitos próprios da pragmática cognitiva que servem de subsídio para que a interpretação do texto de humor ocorra. Em outras palavras, pretendemos mostrar alguns dos mecanismos mentais acionados nesse processo de raciocínio, fundamentando nosso argumento de que não há trivialidade na interpretação de um texto de humor.

9. INTERPRETAÇÃO PRAGMÁTICO-COGNITIVA DO HUMOR: UMA FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO

Neste momento, além das formas lógicas de pensamento, abordaremos as questões interpretativas até seu resultado final, em que a emoção é parte extremamente importante para as análises, além de elencar algumas das informações que precisam ser acessadas pelo indivíduo para o sucesso da interpretação, afim de demonstrar seu potencial para fazer com que nossos alunos, por exemplo, possam desenvolver o raciocínio e a percepção de ideias implícitas e explícitas a partir das tiras e memes.

Sendo assim, nosso objetivo nesta seção é o de que o leitor da presente pesquisa possa observar quantos conceitos são solicitados para que haja uma compreensão satisfatória da tira ou meme, observando assim que são diversas as informações que necessitamos buscar em nossa enciclopédia mental, combiná-las com os inputs, fazer suposições de sentido e significado, identificar a emoção que tal enunciado nos causa e, depois de todos esses processos complexos e extremamente rápidos, chegar a um resultado final que varia entre o riso, o não riso ou a neutralidade, podendo ainda estender-se entre a reflexão, a discussão ou a indiferença. Seguimos, portanto, com nossa análise.

Na sociedade atual, muitas pessoas defendem uma espécie de “liberdade humorística” a fim de fazer o caráter burlesco ser aceito para qualquer assunto, numa tentativa de desvencilhar o humor da negatividade de um desconforto ou uma ofensa.

Por outro lado, existem leitores/ouvintes destacando que determinados assuntos não podem ou não devem ser tratados com humor. Nos dois casos, temos resultados distintos para um processo de raciocínio complexo que pode ser explicado através da pragmática cognitiva, como explicamos na análise desses três memes retirados de uma rede social:

I) Figura 15 – Cães de pequeno porte

Mulher morre após ser atacada por 7 cães de pequeno porte nos EUA

Cães eram mescla de daschunds ('salsichas') e terriers, segundo a polícia.



Fabricio Carvalho

HÁ 34 MINUTOS

coisa linda eles de casaquinho

👍 20 💬 1

Fonte: <<https://www.facebook.com/PaginaBarrocalInovadoraVanguardista/photos/a.1509291022705494/1996914447276480/?type=3&theater>> Acesso em: 18/09/2018

Esse meme (*input*), é uma junção de uma manchete com o comentário feito por um dos leitores da reportagem, que é utilizado como gatilho na tentativa de causar humor mesmo que o tema da manchete seja sério.

Ao entrar em contato com nossa mente se converte em uma linguagem mental que desperta a interação entre várias informações presentes no conteúdo e em nosso conhecimento enciclopédico. Não podemos prever quais nem quantas informações são acionadas no momento da interpretação de cada indivíduo, mas podemos elencar algumas que talvez sejam mais gerais, comuns

ou coletivas. A mente do leitor pode entrar em contato com as premissas a seguir²⁸:

Premissa 1 – Informação dada pela reportagem: uma mulher perde a vida por ser atacada por 7 cães de pequeno porte, noções e conceitos sobre memes, aspectos humorísticos e não humorísticos, o significado das palavras, características imagéticas, entre outros fatores. (Movimentação da relevância informativa).

Premissa 2 – Informações inferidas a partir do conhecimento enciclopédico:

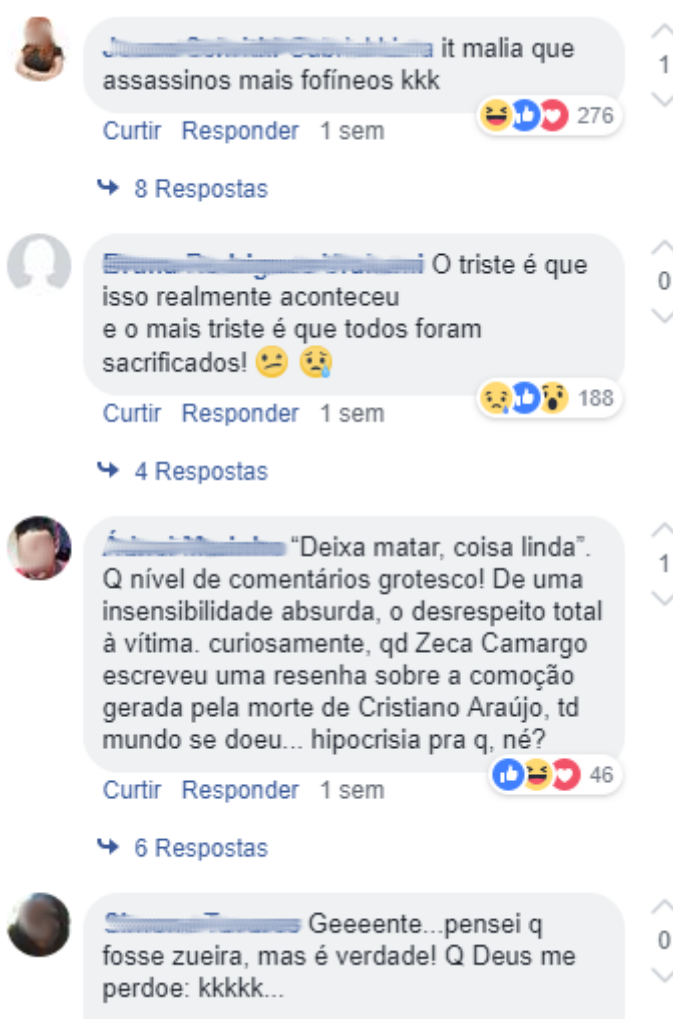
- A partir dessa primeira informação dada pela reportagem, podem ser elencados conceitos e noções com relação à acontecimentos catastróficos e trágicos. (Movimentação da relevância afetiva).
- A partir da imagem e do comentário do leitor, podem ser revelados afeições acerca dos animais, deixando a tragédia em segundo plano²⁹.

Se o leitor demonstrar pouco compromisso com o conteúdo da manchete, ou seja, se desconsiderar a tragédia e a relevância estiver voltada para a característica de humor proposta no meme, ele chegará ao riso. Mas se houver um forte compromisso com o fato ter resultado na morte de uma mulher e no sacrifício dos cães, o resultado será ofensivo e/ou desconfortável, como verificamos nos comentários dos leitores:

²⁸ É importante frisar que as premissas estão enumeradas, mas sua ordem pode sofrer alterações ou apagamentos, a depender do raciocínio individual de cada leitor.

²⁹ Neste caso, aproximando-se da análise de Bergson em que os seres humanos encontram humor em animais com características humanas.

Figura 16: Comentários



Fonte: <<https://www.facebook.com/PaginaBarrocalNovadoraVanguardista/photos/a.1509291022705494/1996914447276480/?type=3&theater>> Acesso em: 18/09/2018

A reação dos leitores é distinta. Isso contribui para confirmar nossa hipótese de que para que o riso seja resultado do texto humorístico, não basta que haja um bom ou razoável gatilho para o riso, justamente porque disso depende o raciocínio pragmático cognitivo em todos os seus níveis, como explanamos até aqui.

Para esses leitores, além da relevância informativa do conteúdo, a relevância afetiva foi amplamente maximizada entre a afeição positiva (referente ao meme e, portanto, ocasionando o riso) e a afeição negativa (referente ao conteúdo da manchete e consequentemente ocasionando o desconforto).

II) Memes sobre política

Quando acompanhamos as redes sociais, as questões políticas são constantes alvos de memes e tiras de humor, que tem por objetivo não só fazer rir, mas também provocar o leitor à uma reflexão ou uma mensagem e por isso, muitas vezes o compromisso com a emoção e com o conteúdo é muito maior que o caráter humorístico, elevando a interpretação a outros resultados distintos do riso.

No ano de 2018, especialmente, as eleições foram fortemente movimentadas por memes e tiras de humor que objetivavam causar sensações além do riso nos leitores, sendo uma importante ferramenta no processo eleitoral utilizado tanto pelos cidadãos comuns quanto por políticos em campanha. Houveram (no decorrer da história e principalmente com a popularização da internet) outros momentos acirrados como este, utilizando o humor como ferramenta de grande visibilidade.

Um exemplo pertinente é a utilização de charges e tiras no período da ditadura militar no Brasil (entre 1970 e 1976)³⁰. No jornal *O Pasquim*³¹, por exemplo, utilizou as charges como forma de enfrentamento da ditadura, utilizando uma linguagem clara e simplificada (mas não menos complexa) que o humor proporciona. Temos revelada, nesse sentido, mais uma função do humor: o registro das normas e comportamentos sociais de cada época, ainda que através de charges e tiras que representem uma oposição a estes costumes.

Isso, sem dúvidas é uma prova incontestável de que o humor não é um aparato social simples e trivial que só se apresenta numa esfera individual e não se estende aos diferentes segmentos sociais.³²

Especialmente no aspecto político, o humor tem servido para contestar e contradizer fatos, opiniões e informações, promovendo ao mesmo tempo, na maioria das vezes, o humor para aqueles que tem a mesma posição/opinião. Por

³⁰ Ver mais em ***A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969*** (MOTTA, 2013, p 62 - 85).

³¹ Jornal que caracterizou a imprensa alternativa de oposição ao período da ditadura militar no Brasil, como enfrentamento da censura e da repressão política e civil.

³² Discussões em relação à censura, à liberdade e a utilização do humor de forma negativa não serão aprofundadas neste trabalho. Deixamos tais temas em aberto para pesquisas posteriores.

isso, o humor nesses casos é bem mais próximo do efeito da humilhação, como citado por Bergson (2004).

Nesse sentido, temos o humor como importante ferramenta comunicativa, pelo seu alcance extremamente amplo e veloz, que tem um número maior de compartilhamentos em vista de outros gêneros que abordam o mesmo assunto.

Analisar tal questão apenas a partir do elemento surpresa, da oposição de scripts ou da incongruência se mostra insuficiente para revelar os alcances que estes conteúdos de humor têm em nível interpretativo, social e individual. Traremos, na figura a seguir, um exemplo de um meme sobre política, analisando a resposta de alguns leitores que comentaram nesta publicação³³.

³³ Salientamos que não temos a intenção privilegiar nenhuma posição político-partidária, nem mesmo emitir juízo com relação ao conteúdo do meme, seja em concordância ou discordância a ele. Nosso propósito consiste em utilizá-lo como forma de explanar os prováveis alcances pragmático-cognitivos da interpretação humorística com base em exemplos concretos.

Figura 17 – Se dar bem no novo governo



Fonte: <https://www.facebook.com/meudeusdoceuquegalerasdesgracadadacabecadocaralho/photos/a.905409582929124/1418813001588777/?type=3&theater>. Acesso em 10/03/2019.

Para analisar a interpretação pragmático-cognitiva desse meme, supomos que cálculo inferencial do leitor a partir dessa entrada de dados aponta primeiramente, para as informações elencadas: primeiramente, é necessário que o leitor tenha um conceito, mesmo superficial, de tudo que está apresentado no meme tanto de forma imagética quanto textual. A evidência dessas informações se encontra com informações anteriores armazenadas na memória enciclopédica do leitor, que pode fazer uso do seu pensamento lógico para chegar ao significado do meme (tal como exemplificado na análise das formas lógicas de pensamento).

O contexto, ou seja, o conjunto de premissas utilizadas na interpretação, são acionados como parte do processo inferencial:

Premissa 1: Encontro de informações novas com informações já existentes – contexto metalinguístico presente no conhecimento enciclopédico. Conceito que precisarão ser acessados: Pobre de direita; reforma da previdência – interesse dos bancos; petrolíferas estrangeiras – o potencial econômico do país; indústria de armas – promessas de campanha do candidato eleito à presidência em 2018; empresários – direitos trabalhistas e privatizações; ter sucesso na atual gestão do Governo Federal.

Todas essas informações são alinhadas com as informações do contexto atual da existência de pessoas que acreditam nas promessas do governo, em detrimento de outras que são opostas e apontam algumas problemáticas, muitas vezes em formato de memes.

Premissa 2: Input visual – O personagem representado pelo que é denominado “pobre de direita” posa para a fotografia com igual entusiasmo que os demais, porém não participa efetivamente da representação do corte da fatia do bolo, o que causa o elemento surpresa humorístico. Os dois últimos quadros, sem a utilização do texto reforçam tal condição, construindo o caminho ostensivo a ser percorrido pelo leitor.

Premissa 3: Formas lógicas de pensamento – efetivação da regra *modus ponens* (Se P – O “pobre de direita” não está segurando a faca para cortar o bolo, que representa o sucesso no atual governo; então Q – ele não terá benefícios nesta gestão).

Sincronicamente, o leitor pode recorrer a questões ideológicas e conceituais que constroem suas suposições factuais, determinando o efeito contextual do input (fortalecendo, contradizendo ou anulando as opiniões do indivíduo).

Todo o encontro de informações, novas e antigas, mobilizam a Relevância Informativa. Dependendo dessa mobilização, o indivíduo também ativa a Relevância Afetiva, a depender do seu compromisso com o conteúdo e se

aquelas informações lhe causaram algum tipo de emoção, chegando ao resultado da interpretação.

É importante lembrar, novamente, que não podemos prever com exatidão qual efeito contextual será causado, pois não temos acesso às informações exatas elencadas pelo indivíduo no momento de sua interpretação, nem do contexto extralinguístico disponível em sua mente. Por isso mesmo, apenas elencamos alguns elementos ativados no processo de interpretação humorística. Vejamos alguns comentários feitos na publicação, que podem nos dar pistas do resultado da interpretação de alguns leitores:

Figura 18: Comentários



Fonte: <<https://www.facebook.com/meudeusdoceuquegaleradesgracadadacabecadocaralho/photos/a.905409582929124/1418813001588777/?type=3&theater>>. Acesso em 10/03/2019.

Considerando a resposta dos leitores, o primeiro internauta chegou ao riso: no processo interpretativo movimentado pelos elementos que explicamos anteriormente, o meme foi informativamente relevante para ele e sua Relevância Afetiva causou uma maximização positiva, revelando seu pouco compromisso com a evidência daquilo que chamam de “pobre de direita”.

Diferentemente do primeiro leitor, o segundo e o terceiro também demonstram que o meme teve Relevância Informativa, e causou uma perturbação em seu ambiente cognitivo, refletindo uma resposta. O segundo leitor afirma que deixará de seguir a página, revelando seu desconforto e compromisso forte com o afrontamento à condição de quem, segundo o meme, se daria bem no atual governo, denotando uma Relevância Afetiva de maximização negativa.

Por fim, o terceiro leitor contradiz a informação do meme com uma informação desenvolvida por ele em seu ambiente cognitivo, como um meio de afirmar que pessoas com a posicionamento político de Esquerda não são intelectuais e não trabalham. O efeito contextual causado foi a contradição de suas crenças, causando choque de informações e discrepância entre suas suposições factuais. Claramente, a Relevância Afetiva lhe causou uma maximização negativa e, nenhum desses dois leitores chegou ao riso. O mesmo /ocorre quanto a tira que mostraremos a seguir:

III) Figura 19: Meme sobre o Veganismo



Fonte: <<https://www.facebook.com/meudeusdoceunquegalradesgracadadacabecadocaralho/photos/a.905409582929124/1391223777681033/?type=3&theater>>. Acesso em 10/03/2019.

O elemento surpresa denota, de acordo com o meme, apesar de afirmarem ter uma boa saúde, as feições de um vegano representado pelo político José Serra, demonstram o contrário. O meme causou diversas reações nos leitores, que não só o riso, como vemos nos comentários a seguir:

Figura 20: Comentários



Fonte: <<https://www.facebook.com/meudeusdoceunquegalradesgracadadacabecadocaralho/photos/a.905409582929124/1391223777681033/?type=3&theater>>. Acesso em 10/03/2019.

Confirmando nossa hipótese, a partir dos comentários, para aqueles que têm forte compromisso com o conteúdo, ou seja, são veganos ou defendem tal condição, o efeito contextual é de contradição de informações, causando uma maximização negativa da Relevância Afetiva, determinando que o resultado final da interpretação seja o desconforto/ofensa, ocasionando uma resposta reflexiva ao meme que ostensivamente tinha como um dos objetivos causar o riso. Além

disso, o leitor que provavelmente achou o meme engraçado, o justifica colocando-o na condição de um texto de humor, permitindo à sua concepção uma espécie de “licença humorística” na qual se permite burlar-se de qualquer coisa, ainda que seja ofensivo e incoerente para determinado grupo de pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados nas seções que constituíram todo o corpus da nossa pesquisa, observamos os textos de humor como um fato social que decorre e necessita da linguagem, das ideologias, ideários, das interações e das informações armazenadas ao longo de nossas experiências.

Isso porque, por mais trivial e simples que pareça, a atividade humorística engloba um processo de raciocínio pragmático inferencial, utilizando tanto os inputs como as informações em background para extrair o sentido e o significado exprimido pelo conteúdo cômico.

Ainda assim, essas informações não são suficientes para determinar quando ou como uma pessoa será capaz de rir, de se sentir neutro ou desconfortável com uma tentativa ostensiva de causar humor. Sendo assim, nos propusemos a explicar que a improbabilidade de determinar aquilo que é ou não risível e o porquê isso parece tão particular e idiossincrático, é uma consequência de um raciocínio complexo que envolvem várias questões, as quais elencaremos a seguir.

Primeiramente, estando em contato com o humor das tiras, memes, piadas etc., o indivíduo necessita interpretar, desvendar ou analisar as informações dispostas. Defendemos que isso ocorre pelo processo inferencial que se mostra como um princípio global do raciocínio, iniciado a partir de um input, resgatando as informações em background e, na combinação ou conflito entre estes inputs e backgrounds, o indivíduo é capaz de chegar em um resultado, ou seja, no sentido e no significado das sentenças.

Nesse sentido, o contexto é essencial no processo cognitivo-inferencial, considerando que de acordo com Sperber e Wilson, o contexto é um conjunto de premissas utilizado na interpretação de uma elocução. O contexto configura-se como um subconjunto das ideias e suposições que o indivíduo tem do mundo e por isso mesmo pode ser comum entre dois indivíduos, mas não idênticos.

Em nossa sociedade brasileira, houve um tempo em que mulheres e negros, por exemplo, eram alvos constantes de piadas, uma espécie de jeito fácil e pouco questionado de fazer humor. Nos dias de hoje, em que compartilhamos outro contexto e outras informações e opiniões acerca desse tipo de piadas, considerando que algumas ideias e suposições que as pessoas têm do mundo

mudaram, esse tipo de tentativa do humor é bem menos aceita e bem mais questionada.

Isso não diz respeito exclusivamente ao senso de humor do indivíduo, como muitas pessoas tendem a relatar. Trata-se, na verdade, da reformulação ou incorporação de novas informações, opiniões e pensamentos que são incorporados ao processo de interpretação que ele realiza com relação à piada.

Seguindo esse pressuposto, o contexto somado à relevância gera um processo de significação, podendo ser completamente diferente para dois indivíduos, já que um contexto pode ser comum, mas não idêntico ou mútuo.

Quanto ao ambiente cognitivo e as suposições factuais, há diferenças entre o ambiente físico e o ambiente mental. De acordo com a Teoria da Relevância, o ambiente cognitivo é um conjunto de fatores que são manifestos ao indivíduo, e estes são capazes de elaborar suposições com base naquilo que lhes é manifesto. Se armazenada na memória, qualquer representação passa a ser considerada uma representação verdadeira do mundo, e passa a ser armazenada na memória enciclopédica.

Outro fator que influencia no resultado do raciocínio pragmático das tiras e memes de humor é a ostensão, ou seja, um pedido de atenção realizado pelo autor/locutor ao leitor/interlocutor. A intenção e o caminho que o autor pretende nos levar também influencia no raciocínio, a depender da disponibilidade desse caminho ser inferido.

A relevância informativa, propriedade psicológica inerente ao raciocínio humano, determina se aquele conteúdo vale a pena a ser processado em termos de esforço e efeito. Esse esforço não significa um custo ou uma propriedade dificultosa, mas sim se o indivíduo tem as informações necessárias para inferir o significado daquela entrada de dados.

O efeito foi grande quando essa entrada de dados produz alguma perturbação no ambiente cognitivo do indivíduo, alterando seu estado inicial. No caso do humor, essa perturbação é constante devido à resolução do conflito, da incongruência ou da surpresa.

Para qualquer pesquisador que se dedique a entender a interpretação humorística, não é difícil notar que a emoção é um fator muito importante e indissociável do resultado da interpretação humorística. Por isso mesmo a relevância afetiva proposta por Santos (2017) é tão importante e talvez mais

determinante que a relevância informativa. Em outras palavras, o humor causa sensações (positivas, negativas ou neutras) e o que coloca essas sensações em evidência é justamente a relevância afetiva.

Tudo o que está armazenado em nossa memória enciclopédica é somado ao conteúdo/estímulo trazido por um input humorístico, disponibilizando ao leitor uma espécie de compilado de informações que podem determinar se aquilo é ou não é risível. A partir dessas informações, o leitor aciona a relevância afetiva e a relevância informativa, determinando se o conteúdo poderá ou não ser risível, de acordo com seu raciocínio.

Portanto, com nossas análises, podemos considerar dois pontos importantes. Primeiramente, jamais haverá uma resposta ou concordância com relação à discussão sobre o que é, o que pode e o que não pode ser engraçado, pois o que determina o grau e o potencial de comicidade de um conteúdo humorístico é o raciocínio pragmático-inferencial individual do leitor/ouvinte, fluindo de acordo com o contexto mental e os mecanismos elencados durante a interpretação.

Pudemos confirmar nossa hipótese de que as tiras e memes também são formas potenciais de desenvolver o raciocínio na medida em que mostramos, na última seção, quantas informações conceituais, culturais, contextuais, entre outras, são despertadas por meio dos inputs de cunho humorístico.

O contato de informações antigas e novas, bem como a ação da emoção durante a interpretação faz nossa mente trabalhar para chegar a um significado e, portanto, desenvolve o raciocínio na medida em que fortalece ou nos dá uma nova perspectiva para o nosso conhecimento de mundo. Sendo assim, cada uma das premissas que exemplificamos correspondem a uma movimentação do raciocínio, ou seja, quando um input desencadeia uma ou mais premissas, ele está literalmente nos fazendo pensar, refletir e solucionar seu significado.

Portanto, concluímos que a interpretação humorística movimenta os mais variados elementos armazenados em nossa mente, sejam informações dadas pelos inputs, informações já consolidadas em nossa memória enciclopédica, conhecimentos, emoções etc., causando uma perturbação no ambiente cognitivo. Assim, o contato com o conteúdo de humor pode nos trazer não só o prazer do riso, mas também a reflexão, a discussão, emissão de opiniões, fatos

e crenças, mostrando-se com um potencial altamente efetivo para o desenvolvimento do raciocínio.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua linguagem linguística**: pondo os pingos nos ii. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 136 p.

BERGSON, Henri. **O riso**: Ensaio sobre a significação da comicidade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Tradução de Ivone Castilho Benedetti.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008. 102 p. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/388158/mod_resource/content/1/Text o%2014%20-%20O%20que%20%C3%A9%20ideologia%20-%20M.%20Chau%C3%AD.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/388158/mod_resource/content/1/Text%20o%2014%20-%20O%20que%20%C3%A9%20ideologia%20-%20M.%20Chau%C3%AD.pdf)>. Acesso em: 02 maio 2017.

COSTA, Simone Muller. **A INTERFACE HUMOR E TRABALHO DE FACE: o uso da provocação como estratégia de aproximação/afastamento**. 2015. 159 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppglinguistica/files/2009/12/COSTA-Simone-Muller-TESE-2015.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

FERREIRA, Alice Maria Araújo. Prefácio. In: HARDY-VALLÉE, Benoit. **Que é um conceito?** São Paulo: Parábola Editorial, 2013. Tradução de: Marcos Bagno.

GRICE, H. P. **Lógica e Conversação**. Tradução de Geraldi, J. W. do original: Logic and Conversation (1967). In: DASCAL, M. (Org.). Fundamentos Metodológicos da Linguística, 5: pragmática - problemas, críticas, perspectivas da linguística - bibliografia . Campinas: Unicamp, 1982. p. 81-103.

HARDY-VALLÉE, Benoit. **Que é um conceito?** São Paulo: Parábola Editorial, 2013. Tradução de: Marcos Bagno.

JERÓNIMO, Nuno Amaral. **Humor na sociedade contemporânea**. 2015. 268 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3974/1/TD_Nuno_Jer%C3%B3nimo.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2018.

KLÖCKNER, Luciano. A Entrevista Radiofônica: Uma Análise Através da Teoria da Relevância. In: RAUEN, Fabio José, SILVEIRA, Jane Rita Caetano da. (Orgs.) **Linguagem em discurso: Teoria da Relevância**. Tubarão: Unisul, 2005.

LINS, Maria da Penha Pereira, CARMELINO, Ana Cristina. (Orgs.) **A Linguagem do Humor Diferentes Olhares Teóricos**. Vitória: UFES, 2009.

LINS, Maria da Penha Pereira. JUNIOR, Rivaldo Capistrano. **Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos**. (Orgs.) Vitória: PPGEL – UFES, 2014.

LINS, Maria da Penha Pereira. **Explicando o Humor pela pragmática**. (Orgs.) Vitória: PPGEL-UFES, 2016.

OLIVEIRA, Roberta Pires de; BASSO, Renato. **Arquitetura da Conversação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

POSSENTI, Sírío. **Cinco ensaios sobre Humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018. 176 p.

RAMOS, Paulo. **Novas tecnologias, novos formatos, novas possibilidades de construção de tiras**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 4., 2011, Curitiba. Anais.... Curitiba: Ppgte, 2011. p. 1 - 9. Disponível em: <<http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt019-novastecnologias.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

RAMOS, Paulo. **Tira ou tirinha? Um gênero com nome relativamente instável**. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 42 (3): p. 1281-1291, set-dez 2013. Disponível em: <http://docplayer.com.br/19249962-Tira-ou-tirinha-um-genero-com-nome-relativamente-instavel.html>. Acesso em 10 de setembro de 2016

RAUEN, Fabio José. **Inferências em Resumo com Consulta ao Texto Base: Estudo de Caso com Base na Teoria da Relevância**. In. RAUEN, Fabio José, SILVEIRA, Jane Rita Caetano da. (Orgs.) **Linguagem em discurso: Teoria da Relevância**. Tubarão: Unisul, 2005.

RAUEN, Fabio José, SILVEIRA, Jane Rita Caetano da. (Orgs.) **Linguagem em discurso: Teoria da Relevância**. Tubarão: Unisul, 2005.

ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas**. In MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SALIBA, Elias Thomé. **História Cultural do Humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas**. Revista de História, São Paulo, v. 176, n. 1, p.1-39, nov. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127332/135577>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos; BRUNET, Crisbelli Domingos. Looking Back: O retorno cognitivo na interpretação da incongruência. In: LINS, Maria da Penha Pereira (Org.). **Explicando o humor pela pragmática**. Vitória: Ppgel-ufes, 2016. p. 1-168.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. **A INTERPRETAÇÃO DA PIADA NA PERSPECTIVA DA TEORIA DA RELEVÂNCIA**. 2009. 329 f. Tese (Doutorado) -

Curso de Letras, Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/23417/Tese%20final.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. **Quadrinhos e Contexto Pragmático: o humor nas tiras de Chico Bento**. Revista Eletrônica – (Con)textos Linguísticos, Vol 9, Nº 13, 2015. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10843/8231>. Acesso em: 11 de setembro de 2016

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. **O Enigma da Piada Convergências Teóricas e Emergência Pragmática**. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. **O QUE AS EMOÇÕES E SENTIMENTOS TÊM A NOS DIZER SOBRE A (COMPLEXIDADE DA) INTERPRETAÇÃO HUMANA**. In: ANAIS DO IX CICLO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM E II CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE LINGUAGEM, 2017, Resumos... Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/ciel-2017/papers/o-que-as-emocoes-e-sentimentos-tem-a-nos-dizer-sobre-a-%28complexidade-da%29-interpretacao-humana?lang=pt-br>> Acesso em: 01 fev. 2018.

SOUZA, Marcos. **Era o verbo um Deus? – Análise de João 1:1 a partir da Teoria da Relevância**. In. RAUEN, Fabio José, SILVEIRA, Jane Rita Caetano da. (Orgs.) Linguagem em discurso: Teoria da Relevância. Tubarão: Unisul, 2005.

SPERBER, Dan; WILSON, Deidre. **Relevância: Comunicação e Cognição**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.